Rilvan Batista de Santana

Carta Para Paula

"O tempo não pára! Só a saudade é que faz as coisas pararem no tempo..."

Mário Quintana

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

02

Carta para Paula

"Um dia, quando a solidão tomar conta de você, e seus olhos chorarem por alguém, e seus lábios não souberem mais sorrir, lembre-se que em algum lugar, onde você nem imagina, existe alguém que te ama, alguém que sofre em silencio e por você até morreria, só para te fazer feliz."

ANO 2011

03

Índice

Capa.....01
Folha de rosto.....02
Índice.....03
Introdução..... 04
Carta para Paula.....05
Carta para o jovem Paulo.....06
Carta para frei Raimundo.....07
Carta para J. G. Costa dos Santos.....08
A criatividade.....09
A hóstia cuspida.....10
A Missão de Jonas.....11
Bebo eu.....12
A trama da vida.....13
D. Morte.....14
Madrasta, mãe.....15
Mãe, onde está o seu filho, agora?... 16
O aborto.....17
O homem-rato.....18
O pestinha.....19
O calcanhar de Aquiles da educação.....20
Saudosismo, não!.....21
Solidariedade.....22
Superstição.....23
Vercil Rodrigues e as análises cotidianas.....24
A prosa e a poesia.....25
Conclusão.....26

Introdução

O ano de 2010 para mim foi produtivo literariamente, não sei se em quantidade, mas em qualidade. O ano passado, Deus me permitiu realizar o ensaio: “O homem nasce para ser feliz?”, um projeto que vinha matutando faz tempo, publicado em “link” no meu blog “Saber-Literário” e distribuído por e-mail para milhares de pessoas.

Porém, esse ensaio não me deu mais satisfação pessoal do que uma carta que fiz in memoriam para minha filha Ana Paula falecida em 1993. Não tem nela nenhum arroubo literário, nenhuma genialidade, é uma carta de um pai que chora a saudade de sua primogênita e tenta compreender os desígnios de Deus.

Hoje, empresto a este livro o titulo da carta e o primeiro texto: “Carta para Paula”.

Assim como a carta, o conteúdo deste livro é simples, sem presunção literária, sem nenhuma pretensão, salvo, o desejo de dividir com você, leitor amigo, que me prestigia com a sua leitura, as minhas idéias, os meus medos, as minhas ansiedades, as minhas frustrações e os meus arremedos de verdade.

Além dessa carta que empresta o nome ao livro e de outras cartas, o leitor irá encontrar contos e crônicas que têm a sua importância, são textos com mensagens atuais, mensagem triste, mensagem alegre, mensagem com humor negro (D. Morte), enfim, mensagens que trazem uma mensagem.

Neste livro ousei-me publicar um soneto sobre Itabuna (Madrasta, mãe), com versos livres, sem compromisso com a métrica, porém, um canto de bem-querer por essa terra que não é minha, mas que aprendi gostar e nela quero ficar para sempre. E, só Itabuna, seria capaz de me expor ao ridículo e dar-me ao trabalho difícil de fazer poesia, gênero literário que considero próprio para os gênios da palavra e as almas apaixonadas, não para mim, um obtuso e rude homem.

O Autor

05

Carta para Paula

R. Santana

Querida filha:

Há dezessete anos não conversamos e não nos vemos, às vezes, nos encontramos em sonhos, mesmo assim, não nos falamos, tu sempre distantes de mim, como se o tempo tivesse destruído o nosso amor e apagasse o nosso passado. Tu se lembras de mim, de tua mãe e dos teus irmãos? Acredito que sim, aliás, não tem tanto tempo a nossa separação, dezessete anos, é um ínfimo tempo do infinito tempo.

Quanta saudade nós sentimos de ti!... Lembro-me dos teus primeiros passos, do teu primeiro aninho de vida, da tua primeira mamadeira, do teu primeiro bico, da andadeira que suado comprei para que tu começasses andar e peraltear pela casa, tudo era festa... Lembro-me quando começastes ler, sinto ainda hoje, o orgulho contido quando tua primeira professora elogiava tua inteligência e vaticinava futuro promissor que o destino te sucumbistes...

Naquele mês de março de 1992, nos teus 15 anos, quando debutastes na vida social, toda fogosa, linda de viver, a minha princesa, tu despertastes olhares gulosos dos mancebos presentes e ciúme de pai, senti-me o homem mais feliz do mundo, mais realizado do que um sheik do petróleo e mais rico do que Bill Gates, pois ali estava o meu tesouro dado por Deus que nem Bill Gates nem o mais rico dos sheiks teriam fortuna igual, mas um ano depois, os desígnios do Senhor mudaram essa história para sempre, destroçando o meu coração, a minha alma e tirando-me a vontade de viver...

O quê fazer, Paulinha? Tu foste para eternidade e nos deixou, aqui, neste mundo de prazeres efêmeros, de lágrimas, de doenças, sofrimento e desespero intermináveis. Às vezes, Paulinha, eu penso que Deus virou as costas para este mundo de promiscuidade, corrupção, perversão, egoísmo, maldade, ganância, injustiça e desamor, assim se explica, as desventuras do homem bom, do homem justo e os infortúnios das crianças inocentes.

Tu deves ter lido o meu trabalho sobre felicidade, predestinação, determinismo, livro arbítrio, “O mundo das possibilidades”, Jesus e a natureza de Deus e etc., ali Paula, parece-me que encontrei a resposta para indiferença do Senhor às desgraças humanas. Somos as nossas circunstâncias, o mal em si não existe, vivemos no “mundo das possibilidades”, as coisas acontecem não como castigo ou permissão de Deus, as coisas acontecem conforme as possibilidades necessárias ou contingenciais, mas as coisas acontecem...

Àquela noite de 11 de Novembro de 1993, a noite da dor, do sofrimento, da despedida, a noite que tu nos deixaste para sempre, a noite de mil noites, não “As mil e uma noites”, mas a noite que no leito da cama, tu destes o último suspiro de vida e nós, os teus pais, impotentes ao teu lado, restava-nos chorar, somente chorar, naquele fatídico momento, gritamos e nos revoltamos com Deus e com os céus, não entendíamos como Ele tirava de maneira sofrida a jóia mais preciosa que nos tinha dado, foi a noite mais mórbida, a mais mórbida do que todas as noites...

Hoje, mais maduro e resignado pelo tempo, compreendo que a morte é uma possibilidade necessária para que o homem se perpetue em espírito incorruptível e não mais pereça, isto é o que nos sustenta, pois se não vivermos pela fé, se não tivermos algo para nos agarrar, se perdermos a esperança nas promessas do Senhor, a vida não vale a pena ser vivida, melhor seria o homem não ter nascido do que viver sob o auspício duma vida eterna de mentirinha.

Num desses dias, acordei-me assombrado com a televisão ligada, a luz e o som entrando pela fresta da porta, tua mãe jurando que não a tinha ligado; eu não jurei, mas teimava também que não a tinha ligado, aí... o medo tomou conta de mim e dela, nós ambos, pensamos que algum “ladrão” se divertia sentado na cadeira do papai assistindo televisão, comodamente, gozando com o nosso medo de abrir a porta e encontrá-lo de chofre na sala... O meu coração saltava pela boca, já sentia o cano do revólver cutucando a minha costela, quando tua mãe, mais corajosa, puxou-me de lado, abriu a porta e lá para o nosso alívio, nem a sombra do ladrão encontramos.

Porém, não me conformei de todo, pensamento lógico, eu não aceitei o argumento de tua mãe que me responsabilizava pela ligação da TV e dormido depois, por mais que batesse o pé que não a tinha ligado, ela insistia em me culpar, mas a resposta veio depois ao sonhar contigo o resto da noite. Naquela noite tu apareceste a

mim em sonho, compreendi então, que foi tu Paulinha, que usou a cadeira do papai e a televisão para mandar-me um recado que somente tu e eu sabemos...

A saudade não passa e o meu amor é eterno, sinto saudade de ti diuturnamente, não aquela saudade doída dos primeiros dias da nossa separação, mas uma saudade suave, perene e desprovida de ansiedade, uma saudade amiga que o tempo não consegue apagar.

Enfim, os teus pais e os teus irmãos desejam que do lado de lá as coisas estejam bem melhor do que do lado da cá, que o teu sofrimento quando passaste por aqui serviu para melhorar tua alma e aproximar-te de Deus, nós do lado de cá, estamos purgando os nossos pecados a cada dia, numa peregrinação sofrida, na esperança de que um dia, todos nós, estejamos juntos não em tempo humano, mas em tempo infinito.

Amor, amor eterno dos teus pais e irmãos!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 04 de novembro de 2009.

06

Carta para o jovem Paulo

R. Santana

Estimado Paulo:

Há mais de um mês procuro tempo para responder sua carta, a priori, quero lhe parabenizar pela sua dissertação de mestrado: “Os antagonismos exegéticos das

religiões”. Li sua tese de mestrado, ponto por ponto, por isto, demorei tanto para responder sua missiva, pois sua carta é uma apresentação sucinta do seu trabalho acadêmico com os seus questionamentos e conclui com a discussão da natureza de Deus.

Surpreendi-me com o seu pedido duma análise do seu texto acadêmico, tecesse comentários, desse a minha opinião... Confesso-lhe que inicialmente, o seu pedido inflou o meu ego, senti-me um douto, um sábio, um mestre da dialética, mas tudo caiu por terra quando se acenderam os lampejos da lucidez e dei-me conta que a minha ignorância é maior do que os meus parcos conhecimentos e conclui que o estimado jovem usou o mesmo raciocínio da Pitonisa grega que declarou que dentre todos os gregos, Sócrates era o mais sábio, por ser o único que tinha consciência de sua ignorância.

Não sou um teólogo, não sou um exegeta, levo bronca do nosso pároco por ir aos domingos à missa do Senhor sem a Bíblia e recusar-me fazer a leitura dos textos bíblicos ou participar de algum grupo de oração e evangelização, mas não me incomodo, eu prefiro o anonimato, apenas um crente, um humilde servo de Jesus Cristo...

Sob a palavra de Jesus Cisto deposito a minha esperança na vida eterna e na ressurreição, Ele alimenta a minha fé num Deus criador e misericordioso que pelo poder da oração é dobrado. A história das religiões está cheia de homens e mulheres que Deus lhes tocou, foram divisores na história do pensamento e da ciência, a exemplo de Maomé, Moisés, Abrão, Salomão, Davi, Jesus Cristo, Einstein, Descartes, Galileu, Isaac Newton, Sta. Teresa de Ávila, Santa Catarina de Siena e tantos outros.

Meu caro Paulo, queixa-se da falta de fé, a fé, crença religiosa, não se transfere, não se vende em mercado, em shopping, a fé é um sentimento que se exercita dia-a-dia e se reforça pelas obras e pelo desprendimento e renúncia das coisas iníquas e condutas imorais.

A fé tem que ser sentida, eu lembro-me de um folheto, desses distribuídos pelas igrejas protestantes com mensagens significativas. O folheto narrava a história de um ateu que debochava da palavra de um pregador enquanto ele fazia sua preleção. Ele não se fez de rogado, convidou-o para o púlpito e sem delongas, descascou e começou

chupar uma laranja diante do menoscabo e desdém do ateu. Ainda degustando a fruta, de chofre, perguntou-lhe se a laranja estava doce ou azeda, o que deixou o homem atarantado, sem resposta, aí, o orador concluiu que a fé assim como o sabor da fruta, tem que ser sentida, chupada, vivida...

Paulo, a fé por si só, é egoísta e inócua, veja o que diz o Evangelho de Tiago: "Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo? Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta" (Tiago 2: 14 -26). Por isto, meu caro jovem, sugiro-lhe que comece pelos gestos solidários que a fé vem a reboque.

Noutro trecho de sua carta, justifica sua falta de fé, citando homens e mulheres que contribuíram para ciência, para arte, para filosofia e não encontraram Deus e foram importantes para humanidade e cita dentre outros: "Albert Camus, Schopenhauer, Augusto Comte, Carl Saga, Pablo Neruda, Simone Beauvoir, Freud, James Watson, Machado de Assis, Ângela Carter".

Não sei se lhe tocará o coração e servirá para melhorar o seu juízo algumas informações que lhe passo agora, nem posso lhe garantir que a desdita, o vazio, a infelicidade e os desencontros desses homens e mulheres foram porque não tinham fé, acreditavam na matéria e sua evolução, mas todos eles, não tiveram uma vida serena nem uma morte tranquila, os conflitos ideológicos e os desajustes pessoais foram os seus principais estigmas.

Sou um tabaréu, não possuo sua desenvoltura científica, não tenho sua intimidade no manuseio da palavra, gostaria de ter essa facilidade para colocá-las no papel o que eu penso, cada palavra que escrevo é espremida e parida com dor, por isto, não sei se lhe estou sendo convincente na análise de sua carta, porém, prometo-lhe esforçar-me para discutir, tecer comentários, doravante, sua dissertação de mestrado: "Os antagonismos exegéticos das religiões".

Na página 12 do seu trabalho acadêmico, primeiro parágrafo, chamou-me a atenção a proposição: "... os monoteístas atribuem-Lhe imagem e o homem Lhe é semelhante, tornando-O limitado e finito, assim o fizeram os politeístas, só que estes exageraram nos fetiches". Meu amigo, em Timóteo II, 3:16, diz: "... toda a Bíblia é inspirada por Deus e proveitosa". Porém, recomendo-lhe que a interpretação dos textos

bíblicos não pode ser literal, ademais, a Bíblia ao longo de centenas de anos, deve ter sido modificada e acrescida de termos por força das várias traduções até Johann Gutemberg.

Se o homem continua após a morte em espírito, é esta a semelhança, pois Deus é espírito infinito sem começo nem fim, o homem como sua criatura Lhe é semelhante. Acredito, também, plagiando Rousseau, que o homem é bom por natureza e a sociedade torna-o mau, ruim e desumano, portanto, o homem Lhe é semelhante e não igual em bondade, amor ao outro e, espírito.

Paulo, embora alguns religiosos acreditem que Deus criou o homem à sua "imagem e semelhança", conforme o livro de Gênesis (Gênesis 1: 26 e 27), salvo as justificativas no parágrafo anterior, é uma figura de estilo, uma construção retórica, um recurso simbólico, usado pelo autor do Livro Sagrado para explicar humanamente o mistério da criação por Deus.

Noutro trecho de sua tese, existe a seguinte afirmação: "... a Trindade é um axioma falso, imposto pela maioria das religiões monoteístas cristãs para explicar a divindade e a natureza de Jesus Cristo, todavia, numa análise mais acurada, três pessoas em uma, é racionalmente impossível". Meu caro jovem à luz do pensamento lógico, da propriedade física, dou-lhe razão, inclusive, algumas religiões comungam com o seu pensamento, mas permita-me o aforismo: "religião, política e mulher, não se discute se abraça...", pois a religião, a política e a mulher são eivados de qualidades e defeitos, se priorizarmos os defeitos ou aquilo que consideramos defeitos, por ignorância ou intolerância, nada nos satisfará... A fé nos torna mais tolerante e menos exigente, por isto, aceitemos a Trindade pela fé.

Conheci-lhe ainda imberbe, sua saudosa mãe, D. Cândida, mãe coruja como todas as mães, orgulhosa e ciosa de sua inteligência, intimamente, sofria com o seu desdém, desde cedo, pelo pouco caso que demonstrava com a sua igreja de nascimento, a sua incredulidade, o seu ateísmo, valorizando mais os fatos prováveis, o positivismo, em detrimento da fé, da sensibilidade religiosa e da crença no Criador.

Não possuo capacidade persuasiva para lhe converter, pois sou fraco na escrita e nulo na retórica, ademais, não se converte um ateu através da palavra, talvez, essa conversão seja possível através do exemplo e a dor.

Gostaria de voltar ao assunto da Trindade e lhe dizer que não é, somente, eu e você que temos dúvidas, os padres que conheço e alguns teólogos não me deram ainda, uma explicação convincente, o próprio Jesus Cristo deixou entrelinhas, quando diz: "O Pai é maior do que eu." (João 10: 36; 6: 57), acrescenta: "Aquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, vós dizeis: Blasfemas, porque disse: Sou Filho de Deus?", completa: "O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação" (Colossenses 1: 15), São Paulo gradua a submissão de cada um: **"**Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo o homem, e o homem a cabeça da mulher; e Deus a cabeça de Cristo (I Coríntios 11: 3), isto significa que o Pai é um e o Filho é outro... A Bíblia não fala dessa unicidade: "Pai, Filho, Espírito Santo...", de maneira clara, mas subjacente, a exemplo de João: "Pois há três que dão testemunho no céu: o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo; e estes três são um." (João 5:7).

Querido amigo Paulo, para justificar a minha fé, deixá-la mais racional, encontrei a minha própria interpretação sobre a Trindade e dou-lhe de graça, sem nenhum ônus, peço-lhe apenas, que não a mostre aos seus colegas nem aos seus mestres, eles irão rir da minha tosca imaginação, porém, prefiro ser ridicularizado e não sustentar uma fé vazia:

"O Pai é o Supremo Criador, enquanto o Filho é sua Primeira Criatura feita Homem e o Espírito Santo, é a essência e a natureza divina da Trindade".

Lá, em sua dissertação, chamou-me a atenção, a tese que o jovem amigo desenvolve acerca do tempo. Achei o contraditório brilhante enquanto raciocínio científico, todos esses fatos, sobejamente comprovados com o auxílio do carbono C-14, de efeito retroativo do tempo, porém, permita-me meter o bedelho em sua tese, tomando como referência o parágrafo final do seu trabalho acadêmico: "... negar a importância da Bíblia como um dos principais livros da Historia Universal da Humanidade é tapar o Sol com uma peneira, todavia, à luz da ciência, muitos fatos não se sustentam pela incoerência do tempo, o tempo é negligenciado em todo o Velho Testamento, os teólogos argumentam que Deus é atemporal, mas os autores dos Livros Sagrados eram humanos, tinham compromissos com o tempo e a verdade dos fatos".

Paulo, eu agradeço a Deus por ter me dado vida, muito tempo de vida, para gozar as coisas boas e ruins do mundo. As coisas mundanas se gozam na mocidade, quando não temos idéia da morte e a luxúria e os prazeres da carne tomam o nosso corpo e a nossa

alma. Quando os cabelos se fazem encanecidos, as paixões diminuem e tomamos consciência da nossa fragilidade, da nossa pequenez, é que nos agarramos à esperança de vida eterna e nas promessas de Jesus Cristo. Noutras palavras, não enxergamos as coisas somente com os olhos da ciência, os olhos da fé são mais importantes, por isto, posso lhe dizer com devida vênia que o seu trabalho carece de alguns complementos, porque o tempo não é somente cíclico, o tempo também é cósmico e metafísico, Deus se mexe no tempo espiritual, em que o passado, o presente e o futuro é o agora, no livro de Pedro está escrito: "Mas, amados, não ignoreis uma coisa, que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia" (II Pedro 3: 8).

Paulo, eu peço-lhe paciência, sei que todo jovem é apressado, você não é exceção, irá queixar-se do tamanho desta missiva, por isto, eu vou apressar o desfecho desta carta, não vou analisar todos os pontos de sua dissertação, porém, permita-me que eu teça alguns comentários naquilo que é mais importante: a natureza de Jesus Cristo. O seu juízo: "... Jesus Cristo não é o Filho unigênito de Deus. Nele a Igreja Católica se inspira e foi fundada há dois mil anos. Ele tem a mesma importância religiosa, filosófica e histórica de um Maomé, de um Moisés, de um Salomão, de um Davi, de um Abrão e doutros expoentes religiosos, do budismo, do hinduísmo, do confucionismo etc." Meu amigo, eu quase caio de costa quanto li este texto, pela heresia e pela ignorância exegética dos textos proféticos e escatológicos do Antigo e Novo Testamento.

Estimado amigo, não se pode negar a importância religiosa e histórica desses homens, eles mudaram o rumo da História, porém, foram homens santos e pecadores, que por desígnios de Deus foram escolhidos, todavia, não podemos compará-los a Jesus Cristo em santidade, providência e autoridade. Se Jesus não é o Filho unigênito de Deus, toda a Escritura é uma fraude, pois sua vinda é anunciada desde o princípio dos tempos: "E os teus ouvidos ouvirão a palavra do que está por detrás de ti, dizendo: Este é o caminho, andai nele, sem vos desviardes nem para a direita nem para a esquerda (Is 30: 21); "E, sendo Ele consumado, veio a ser a causa da eterna salvação para todos os que Lhe obedecem" (Hb 5: 9).

Se analisarmos a história de vida dos demais homens de Deus, veremos que eles foram guerreiros, pastores, negociantes, reis, pais de família, com mais de um casamento e muitos filhos, tomemos, por exemplo, o profeta Maomé, com o maior número de adeptos do mundo depois de Jesus Cristo.

Maomé, o maior profeta dos muçulmanos, nasceu em Meca no ano 570 a.C., foi comerciante na juventude, analfabeto, teve dois casamentos, sua primeira mulher foi Kadidja, uma viúva rica, mais velha 15 anos do que Maomé. Cultivava desde a juventude, retiro espiritual, num desses retiros, encontrou-se com o arcanjo Gabriel no monte Hirã que lhe confia à missão de falar de um Deus vivo, criador dos céus e da Terra, no meio duma cultura politeísta.

Maomé imprimiu o islamismo através da força e dos conchavos políticos. A História registra que ele participou de umas 26 batalhas e consolida sua vitória na batalha de Khandaq com um exército 10 mil homens.

Maomé morreu em Medina aos 63 anos, mas a cidade do Profeta é Meca e o seu livro sagrado é o Corão. Não realizou nenhum milagre, para os quase 2 bilhões de adeptos, ele não é santo, mas um homem santo, escolhido por Deus.

Amigo, sua tese da não divindade de Jesus Cristo não se sustenta, compará-los aos demais homens de Deus, é uma ignomínia**,** as Escrituras testificam – No, como o Príncipe da vida: "E matastes o Príncipe da vida, ao qual Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas" (Atos 3:15).

Enfim, espero que o jovem ateu amigo seja um ateu como aquele ateu dono de farmácia: por descuido, vendeu por engano, veneno a uma garota esbaforida que clamava socorro para sua mãe, assim que a garota saiu, o ateu deu-se conta da desgraça, não claudicou, ajoelhou-se e orou a Deus sua intercessão e o milagre aconteceu pouco tempo depois: a menina voltou, chorosa, que pela pressa, caiu e o frasco quebrou...

Cordialmente, o seu velho amigo,

R

Autor: Rilvan Batista de Santana

Gênero: carta.

07

Itabuna, 05 de dezembro de 2009.

Para: Frei José Raimundo da Silva Oliveira

M. D. Pároco da Igreja Santa Rita de Cássia – São Caetano, Itabuna (BA).

Preclaro Frei José Raimundo:

Como de praxe, quero lhe parabenizar pelos seus 25 anos de sacerdócio com périplo em algumas cidades da Bahia, em particular Itabuna, atingindo o auge da missão na cidade de Aracaju, capital do meu querido estado de Sergipe, conforme sua declaração pública.

Acredito que, pela maturidade das idéias, pela força de caráter, pelo desprendimento material, por perseguir a injustiça, por advogar as boas causas sociais, por fazer uma pregação que o povo entende e comunga, Deus lhe premiará com mais 25 anos de bons serviços sacerdotais, aqui, ali e alhures!...

Se possuísse a eloquência de um Cícero, o pensamento de um Sêneca ou o domínio da palavra de um Rui Barbosa, eu usaria o púlpito de sua paróquia para lhe homenagear nesse dia, mas me falta a genialidade e o dom da oratória desses pensadores, resta-me o recurso da escrita para manifestar os meus encômios, os meus elogios ao egrégio reverendo à frente da nossa paróquia.

Sou um católico preguiçoso, não faço parte de grupo, não tenho vocação para evangelizar, tenho aversão à discussão religiosa, sou partidário do pensamento que "religião, política e mulher não se escolhe se abraça", pois a imperfeição é apanágio do homem, por isto, não comungo com os meus irmãos de fé que lhe denigrem, que lhe caluniam, sorrateiramente, usando recursos anônimos vis, maculando e enxovalhando o seu trabalho administrativo e o seu ministério.

Não tenho autoridade religiosa nem conhecimento teológico para fazer juízo do seu ministério, do seu apostolado, mas sobra a mim e aos demais paroquianos de bom

senso, o reconhecimento de sua capacidade administrativa e sua preocupação social. Não lhe faz jus pelo serviço prestado à comunidade ao longo desses anos, críticas maldosas e aleivosias infundadas, por paixões, fanatismo e interesses inconfessáveis.

Senti sua angústia quando no final da eucaristia de 27.12.2009, anunciou a data dos seus 25 anos sacerdotais e o desconforto a priori de uma pálida cerimônia, duma fraca recepção... É sabido que sua Ordem Religiosa dispensa o fausto, a suntuosidade e propugna pela humildade e pelo simples, mas nenhum mortal dispensa o afeto, o reconhecimento e a solidariedade moral, são combustíveis que renovam a vontade de caminhar e construir.

O senso de justiça moveu-me "escrevinhar" esta carta despretensiosa, sem presunção, para lhe dizer que existem opositores (uma ínfima minoria) inescrupulosos, maledicentes, mas existem amigos, paroquianos corretos, que lhe respeitam pelo seu trabalho, pelo seu apostolado e pela audácia das suas idéias políticas e sociais.

Alguém já disse: "...toda unanimidade é burra", as críticas construtivas são necessárias para nortear o administrador, o líder, o evangelizador, o pastor, ninguém é dono da verdade, o nosso crescimento pessoal decorre da crítica do verdadeiro amigo, não do falso amigo, do bajulador, entretanto, é necessário discernimento, desprendimento, espírito desarmado, para não confundi-los.

O povo ninguém o satisfaz plenamente, Jesus Cristo viveu essa experiência quando disse: "Bem profetizou Isaías acerca de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, Mas o seu coração está longe de mim" (Marcos 7 : 6-7), lá adiante, São Paulo deixa claro a falta de merecimento do homem e sua imperfeição, ele é salvo pela misericórdia de Deus: "Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo" (Tito 3:5).

Quais as queixas que tenho ouvido dos meus irmãos de fé? Queixas políticas e de relacionamento: "Frei Raimundo só fala de política na missa..." ou "O Frei é petista..." ou "Ele é intratável...", "Ele é tendencioso.", essas queixas podem ser verdadeiras na visão do queixoso ou podem ser uma meia verdade, uma face da verdade, considerando as circunstâncias e o momento. Para o grego Protágoras: "O

homem é a medida de todas as coisas”, isto é, o que é verdade pra Chico é mentira pra Mané...

Para Aristóteles (500 anos a.C.), “o homem é um animal político”, não necessariamente partidário, mas política no sentido de participação das ações comunitárias, na defesa do bem comum, no social. Não existe tribuna mais adequada para defender o oprimido, o marginalizado e as injustiças sociais do que a Igreja Católica - não obstante os seus erros históricos -, a igreja de Jesus Cristo. Portanto, falar de política misturada com homilia não é um pecado, é dar cumprimento às idéias do seu fundador que há 2000 anos pregou contra as injustiças sociais, promoveu a igualdade entre os homens, promoveu a solidariedade, condenou o pecado e não o pecador, portanto, falar de política na igreja é uma necessidade e um dever, a omissão é um mal...

Lembro-me de sua frase feliz, proferida numa missa de agradecimento pela eleição do atual prefeito, no desenrolar de sua prédica, ele teve que ouvir: “Não basta ser honesto tem que trabalhar com gente honesta”!... Portanto, a política não é um mal, mas um exercício de cidadania, a sublimação dos direitos humanos. O quê seria do povo brasileiro, nos anos da ditadura, se não houvesse a voz de Dom Hélder Câmara, Dom Paulo Evaristo Arns e Dom Aluísio Lorscheider? O nosso país não teria sido redemocratizado.

Não acredito que os bons sejam vencidos pelos ímpios, que o mal supere o bem e a maldade prevaleça, se no dia 6 de Janeiro do ano em curso, lhe faltar paroquianos para festejar suas bodas de casamento com a Igreja Católica, se a sua angústia e a sua decepção forem confirmadas, agradeça a Deus pela missão duradoura que Ele lhe confiou e permaneça firme em sua caminhada porque "Leais são as feridas feitas pelo amigo, mas os beijos do inimigo são enganosos" (Provérbios 27:6), contente-se com sua consciência, pois: "BEM-AVENTURADO o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores" (Salmos 1:1).

Acredito numa grande alegria dos seus paroquianos comemorarem no próximo dia 06, os seus 25 anos de sacerdócio. As más palavras são levadas pelo vento e o exemplo permanece, o seu exemplo de vida e dedicação com as coisas da nossa paróquia jamais será esquecido.

Parabéns!!!

Cordialmente,

Rilvan Batista de Santana/família

Itabuna, 10 setembro de 2009.

08

Caro Frei J. G. Costa dos Santos:

Com seu jeitinho amigo, colocou-me numa saia justa: - corrigir os erros de sua redação: “Mudanças pessoais e históricas”.

Tenho aversão ao trabalho de correção, com sua bagagem cultural, seria uma presunção, eu jactar-me de corrigi-lo, prefiro pensar que vou ajudar-lhe encontrar não os erros, mas os lapsos de redação, os lapsos de raciocínio e ajudar-lhe na construção de um estilo.

Não sou capaz de construir um texto em que a técnica sobrepuja a criatividade. Ouso dizer-lhe que o texto que me privilegia na sua análise, peca pelo estilo formal, bitolado, com proposições sem brilho, obedecendo, somente, aos ditames dos exames de vestibular, exames que contribuem para que o candidato feche o número de linhas açodadamente, às vezes, com parágrafos e idéias repetidas, doutras vezes, sem muita coerência, frases desarticuladas, com o propósito do cumprimento de uma tarefa de avaliação.

Gostei do texto do adolescente que exprime o seu pensamento em relação às mudanças de costume, de hábito, de comportamento, de sua geração e a geração dos seus predecessores, com leveza, criatividade e objetividade.

Permita-me a transcrição desse texto não para confrontá-lo com o seu, mas justificar e fundamentar o nosso pensamento em relação ao mister da escrita, em particular, a arte do saber redigir:

"Não mudou nada. Os coroas agora implicam porque a gente corta e pinta os cabelos assim e assado, mas a mesma macaquice havia na época deles, com Elvis Presley, brilhantina e coisa tal. (...) Eles também usavam calça jeans, só que chamavam calça americana. A diferença é que, em vez de camisões coloridos, usavam camisas banlon. E no lugar do tênis e da sandália havaiana, calçavam mocassins."

Numa linguagem simples, direta, sem floreio, sem erudição, o adolescente escreve sobre os novos valores, as mudanças de comportamento, os novos paradigmas, sem incorrer em falsas verdades, mas com proposições inteligíveis, acessíveis à compreensão do mais obtuso indivíduo.

Agora, vejamos, eu e você, o texto "Mudanças pessoais e históricas" que fui incumbido de sua correção, que de bom grado, devolver-lhe-ei a toga do julgamento e da análise, se o insigne religioso jurar pelos santos dos céus, que doravante não ficará mais escravo das técnicas da escrita e das convenções, mas será fiel ao seu pensamento e dará curso aos lampejos da criatividade e da invenção, porém, sem abraçar às expressões chulas ou empanar a estética da palavra.

Vejamos o texto, depois, nós procedamos a sua análise:

"Mudanças Pessoais e históricas"

"O ser humano está constantemente em mudança, buscando o novo e o aperfeiçoando a cada dia. Por isso, em cada época as pessoas criam novos paradigmas e as vivenciam a partir da sua própria cultura."

"Essa mutabilidade faz parte da natureza humana e se evidencia no decorrer da história. A busca pelo novo dar uma invenção, alegria, esperança ao homem e abre-lhe novos horizontes. Quando o indivíduo termina uma invenção, já se desperta para dar início à outra, isso aconteceu com os gregos, com os cientistas, principalmente no

mundo de hoje, com a tecnologia de ponta. Assim, a criatividade faz parte da natureza e do espírito humano."

"Quando uma determinada nação tem intuição e cria algo novo causa impacto e gera insegurança nas pessoas. Contudo, com o passar do tempo as coisas se normalizam e vira rotina. Na década de sessenta, surgiram novas idéias, posicionamento frente a ditadura militar, estudantes, intelectuais e artistas foram exilados, presos e outros assassinados. Vê-se, então, que era necessário a mudança de comportamento."

"Percebe-se, portanto, que essa mutabilidade é inerente ao ser humano. Cabe, pois, aceitar as novas idéias e atitudes, que são capazes de mudar o rumo da vida das pessoas".

Agora, analisemos:

-Embora as frases tenham sido buriladas, são incipientes, sem desenvoltura, repetitivas;

-O texto está eivado de raciocínios falsos, sofismas, a exemplo da invocação dos gregos para justificar as invenções, é sabido que os gregos eram especulativos, as teorias de Física, do Universo e Biologia, do seu gênio maior, Aristóteles, hoje, têm apenas, valor histórico, enquanto suas teorias de Lógica e Moral permanecem atuais e perenes. Dir-se-ia a mesma coisa de Demócrito de Abdera, com sua teoria atômica. A ciência e as invenções deslancharam-se com o empirismo de Fancis Bacon, a Física de Galileu e Newton, o positivismo de Comte e as teorias da evolução de Darwin...;

-Outro raciocínio discutível, retórico, afirma: "Quando uma determinada **nação tem intuição** e cria algo novo causa impacto e gera insegurança nas pessoas." Nação é um ente jurídico, não tem intuição, o povo é que, em princípio, tem discernimento, ou seja, as idéias novas têm origem no indivíduo e no decorrer do tempo, elas se tornam de domínio público;

-Outro equívoco está no penúltimo parágrafo quando por escassez de argumento para explicar a contracultura dos anos 60, de origem hippie, movimento revolucionário dos costumes e comportamentos vigentes daquela época, com a divisa "peace and love",

de jovens ingleses de classe média, que por princípio pacifista, jamais se confrontariam com governos militares, ditadores de plantão, pois eram contra a guerra, o capitalismo, as corporações empresariais e qualquer tipo de autoritarismo.

A filosofia de vida do hippie, ainda hoje, é pautada ao desapego dos bens materiais, prega o sexo livre, viver em comunidade e o retorno à natureza. Os intelectuais, os políticos e estudantes que foram presos, exilados e assassinados nos anos 60, foram mais por ideais socialistas e comunistas do que pela influência que tiveram na contracultura, na renovação dos costumes e os novos estigmas comportamentais.

O texto começa falando que a "...mutabilidade faz parte da natureza humana..." e termina da mesma forma: "...mutabilidade é inerente ao ser humano...", isto é uma conclusão chinfrim, primária, repetitiva, sem imaginação e criatividade.

Meu caro frei J.G. Costa dos Santos, eu espero não ser colocado na prateleira do ressentimento... Não tenho culpa da franqueza que destilei, fui empurrado, fiquei na casa do sem jeito quando tu me impeliste tecer comentário ao teu texto, tenho ojeriza às técnicas e aos métodos que dificultam a livre expressão do pensamento, o fiz para não vos trair intelectualmente.

Enfim, tu és generoso quando me designas como escritor, não sou escritor, sou um escrevinhador, um ávido leitor, que com transpiração ousa colocar no papel alguns causos, algumas idéias. Escrevo com dificuldade, parindo cada frase, não domino a gramática, não possuo a desenvoltura de um Machado, de um Euclides, de um Cyro de Mattos, de um Adonias Filho, de um Jorge Araújo, de um Adelindo Kfoury, por isto, tu não dês relevância às críticas que fiz ao texto "Mudanças Pessoais e históricas" e plagiando a linguagem hippie: Paz e amor!... Ou, pra fazer jus à prática cristã do preclaro amigo, dir-te-ei: O amor de Cristo nos unindo!...

Cordialmente,

Rilvan Batista de Santana

09

A Criatividade

R. Santana

A criatividade é um dom de Deus. Escrever, pintar, esculpir, construir, fazer, transformar, são habilidades e atividades que, com aprendizagem e domínio técnico o homem aprende fazer, mas criar ou inventar é uma manifestação divina.

Muitos engenheiros e arquitetos construíram prédios fabulosos, seguros, no mais preciso rigor técnico de cálculo estrutural e formas convencionais em nosso país, porém, foi preciso o gênio de Oscar Niemayer aparecer para torná-los mais belos em formas e lugares aprazíveis, em poesias...

Todos ou quase todos os mortais balançam o esqueleto, mas foi Fred Astaire quem primeiro fez da dança um poema escrito com os pés. Os seus filmes congestionaram bilheterias em todo o mundo, não pelo conteúdo dos scripts, mas pela magia de sua dança.

Os livros de Machado de Assis, Euclides da Cunha (Os sertões), Drummond, Fernando Pessoa, Shekspeare, Dante Alighieri, Haminguey, Allan Poe, Thomas Mann, Irmãos Grimm, Goethe, Dostoivski, Castro Alves, Jorge Amado, Kahlil Gibran, Homero e tantos outros, não foram somente escritores, foram gênios, deuses da criatividade e da escrita.

Na música e na composição, Mozart, Beethowen, Friedrich Haendel, Villa Lobos, padre José Maurício, Noel Rosa, Cartola, Antônio Carlos Jobim, Adelino Moreira, não foram músicos e compositores de técnica, foram compositores e músicos de pura técnica e criatividade. Suas produções permanecem e permanecerão na história da arte para sempre pela criatividade e beleza.

Na pintura e na escultura, Michel Ângelo, Da Vinci, Picasso, Monet, Renoir, Baldini, Almeida Júnior, Anita Malfatti, Carybé, Di Cavalcanti, Antônio Francisco, Lisboa, o Aleijadinho, não reproduziram formas e imagens, retratistas amadores, mas produziram formas e imagens divinas, com o dom da criatividade que Deus lhes deu.

Deus premia somente alguns com o dom da criatividade e da invenção, mas não lhes premia de mão beijada, exige-lhes determinação e perseverança. Certa feita, Thomas Édson, um dos maiores inventores de todos os tempos, questionado por alguém se suas invenções eram inspiradas, ele respondeu-lhe que a inspiração não prescinde da transpiração, uma depende da outra. Se alguém ficar deitado, esperando que Deus lhe mande uma grande idéia, dê-lhe habilidade nas mãos, sensibilidade, insight, raciocínio lógico, nada acontecerá, mas se alguém tem uma boa idéia, persegue e persiste aquela idéia, diuturnamente, ele terá um desfecho feliz, mesmo que para muitos seja um contrassenso.

Conta-se que Isaac Newton descobriu a "Lei da Gravidade" por acaso, quando embaixo de uma macieira, uma maçã lhe cai à cabeça. É evidente que Newton já perseguia essa idéia dos corpos puxados para baixo por influência de Galileu Galilei há longo tempo, porém, foi preciso uma centelha divina que lhe despertasse.

Santo Dumont botou muito dinheiro no bolso, uma idéia na cabeça, se mandou pra Paris e inventou o avião. E, quando sobrevoou o campo de Bagatelle, com o seu XIV- Bis, deixando os franceses e o mundo estupefatos, com uma máquina mais pesada do que o ar, movida a gasolina, suas idéias e o seu feito estavam inscritos perenes na História.

O físico e matemático Arquimedes, o homem das alavancas e roldanas, "dê-me uma alavanca e um ponto de apoio que levantarei o mundo", descobriu a picaretagem de um ourives que enganou o rei Hierão, confeccionando uma coroa de prata e ouro, vendendo-a por puro ouro, e as leis de impulso da hidrostática, depois de um estalo divino em sua mente, quando Arquimedes imerso numa banheira, conta a lenda que despido, ele saiu pelas ruas gritando: "Eureka! Eureka!", "Encontrei! Encontrei!", a ciência registrava mais uma descoberta...

Alexandre Fleming descobriu a penicilina depois de varar noites e dias, por um acaso de Deus, esqueceu umas placas com bactérias em cima da mesa do seu laboratório e o bolor destruiu essas culturas enquanto esteve de férias.

A escola não produz gênios. A escola educa, transmite conhecimento e instrui pessoas. Se os geneticistas de todo mundo quisessem "construir" um Shekspeare, um Mozart, um Santo Dumont, um Machado de Assis, Rembrandt, um Picasso, um Charles

Chaplin, não conseguiriam, salvo, se Deus acrescentasse uns cromossomozinhos de genialidade no DNA, o dom criatividade, da invenção.

Alguém pode suscitar que este texto é uma apologia determinista o que não é verdade, o gênio não nasce pronto, nasce com as potencialidades (filosofia aristotélica de potência e ato), o meio, a educação, a interação social e outros fatores contribuem para que ele se transforme em ato.

Cartola, negro e pouco letrado, passou alguns anos desaparecido, depois de várias investidas fracassadas em músicas e escolas de samba. No ostracismo, sumido, trabalhando de vigia e lavador de carro teve o seu momento providencial com Sérgio Porto, o imortal Stanislaw Ponte Preta, quando por acaso o famoso jornalista o encontrou num bar, sujo e maltratado em 1956, de lá pra cá, o gênio de lindas composições, dentre tantas, “As rosas não falam”, jamais será esquecido.

Que o tempo não me contradiga, mas Deus ao criar o homem, deu inteligência a todos e o dom da sabedoria e da genialidade a poucos.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 30.01.2010

10

A hóstia cuspida

R. Santana

A mão direita embaixo, a mão esquerda em cima, depois, a mão direita pega a hóstia e leva-a a boca, assim os fiéis participam da eucaristia: "E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é o meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de mim” (Lucas 22:19-20), o sacerdote voltado para os fiéis, com o cálice à altura, vai além: “Este é o cálice da Nova Aliança, no meu sangue derramado em favor de vós." (Mateus 26;26-29, Marcos 14:22-25, I Coríntios 11:23-26), este é o momento mais alto da missa do dia do Senhor, naquele dia, Demetrius cuspiu a hóstia.

Sentado no último banco da igreja, observava todos os gestos do sacerdote e gravava cada palavra do sacerdote em sua mente, embora se sentisse um peixe fora d’

água, Demetrius possuía agudeza de espírito, observador, lhe foi fácil chegar até o altar e receber a hóstia.

Com as mãos em gesto de oração, contrito, acompanhou a fila em busca do sacramento, se algum conhecido o visse naquela hora, decerto, diria alguns impropérios pelo embuste ou morreria de rir da pantomima da encenação do herege e ateu Demetrius, mas o astuto e manhoso descendente grego, escolheu uma paróquia à légua de distância de sua comunidade para representação dessa blasfêmia.

Perto do altar, longe de sua vez, sua mente sofreu um repuxão para que não cometesse aquele ato insano, mas a maldade prevaleceu e tomando a hóstia com a mão esquerda e colocando-a na boca com a mão direita, esgueirou-se no meio dos fiéis, refugiou-se num canto da nave e na penumbra da luz, deu uma cusparada no "corpo de Cristo" e voltou para o seu lugar.

Não esperou os ritos finais, os avisos, a bênção do sacerdote, fazer o quê? Tudo tinha saído a contento, conforme desafio que fez ao seu colega da faculdade:

- Aquilo é farinha e água sem fermento! Corpo de Cristo!? Corpo de Cristo!?... – e se engasgava de tanto rir.

Ao sair de igreja, ele ria-se por dentro... Agora, iria fanfarronar sua façanha a Beto, contar-lhe os detalhes, rir de sua cara de espanto e vê-lo aterrorizado da ignomínia, decerto, diria: "Endoideceu Demetrius?..." então, diria: "Deus tenha misericórdia de tua alma irmão de Judas Iscariotes e filho do Tinhoso!", porém, passado o susto, a bronca, Beto o relevaria, o desculparia, conhecia-lhe a alma e o coração.

O suor lhe encharcava o corpo, Demétrius virava-se na cama de um lado para outro insistente, algo lhe sufocava, as visões apareciam em flashes, não conseguia discernir as imagens, só uma voz rouca lhe chegava aos ouvidos: "Filho de Belzebu! Filho de Belzebu! Filho de Belzebu!...", não reconhecia aquela voz, não era a voz do seu amigo Beto, tampouco de sua mãe, ela não seria capaz de deixá-lo naquela agonia...

Agora, a voz era mais clara, todavia, a imagem confusa torturava ainda mais a mente de Demétrius, aquela voz doía-lhe aos ouvidos, não agüentava mais, tentou levantar-se, não conseguiu, uma coisa lhe esgoelava, a voz mais estridente gritava: "Satanás! Satanás! Satanás!...", de repente, de chofre, a imagem veio-lhe nítida,

definida, não havia mais dúvida, o padre daquela missa lhe perseguia, era ele, reconheceria aquele filho de gnomo em qualquer lugar, aquela figura baixinha, cabeçudo, nariz adunco, olhos penetrantes, deu-lhe susto e medo ao vê-lo quando entrou naquela igreja e se não tivesse sido o propósito de deixar Beto fulo da vida, talvez não tivesse ousado cuspir a hóstia, pelo medo que o padre lhe causou.

Tentou na aflição do pesadelo esmurrar o padre, quebrar-lhe as fuças, mas o diabo do gnomo era mais ágil, Demetrius perdia o fôlego de tanto tentar, mas em vão, o padre chegava e lhe xingava e desaparecia como por encanto. Dado momento, o padre desapareceu e, aparece-lhe uma hóstia, não a hóstia que cuspiu, mas uma grande hóstia que de tão clara, de tão luz incandescia-lhe a visão, Demetrius levava o braço aos olhos inutilmente, desejava fugir, não conseguia, a luz da hóstia lhe acompanhava como se o cercasse por trás e por frente, como se o espremesse...

O coração parecia que ia explodir, Demetrius arfava cada vez mais forte, no limite da resistência humana, escusava-se pedir socorro a Deus, o seu orgulho de ateu não deixava, sentia, mesmo dormindo, no limiar da consciência, que nada daquilo era verdade, que tudo não passava de uma brincadeira de mau gosto do inconsciente, quando o seu corpo teve outros repuxões e sacudidelas, o clarão da hóstia tinha fugido, mas uma grande cruz pingando sangue lhe apareceu cada vez mais próxima, cada vez cada vez mais próxima, cada vez mais próxima...

Acordou-se aturdido, com gritos lancinantes, ainda arfando, o suor descendo pelo corpo, os “flashes” vivos em sua mente, de supetão, Demetrius desceu da cama, ajoelhou-se, abençoou-se em nome do “Pai”, do “Filho”, do “Espírito Santo”, e, orou e chorou, chorou e orou, orou e chorou...

Autor: Rilvan Batista de Santana Gênero: Conto (registrado)

Itabuna, 24. 08.2010

11

A missão de Jonas

R. Santana

Quem passa por Itabuna e resolve dar uma esticada até o São Caetano e visitar a Igreja Santa de Cássia, lá encontrará frei José Raimundo, o seu pároco, que embora ligado à Fraternidade dos Frades Capuchinhos, não tem aquela postura submissa, subserviente, compungida, humilde, comum aos franciscanos do passado, ele é um frei empreendedor e atual, não tem medo de meter o bedelho nos erros dos governantes e nas injustiças dos mais aquinhoados.

Ele tem a estatura moral de Dom Hélder, de Dom Paulo Evaristo Arns e doutros luminares católicos quanto à força que move essas grandes almas de transformar as sociedades injustas em sociedades justas e iguais. Frei José Raimundo usa sua autoridade religiosa para falar de violência, droga, promiscuidade sexual, saúde, educação, pobreza absoluta, falta de compromisso de alguns cristãos, igrejas mercenárias e outras mazelas da sociedade brasileira e do mundo atual.

Frei José Raimundo é, também, um administrador nato, deu nova roupagem às construções do frei Joaquim Camelli, é gostoso visitar os jardins da Igreja Santa Rita de Cássia, suas dependências, o seu estacionamento, a sala de informática, o auditório, as salas dos grupos religiosos, vê sua fachada, a Casa Santa Rita de Cássia, além das ações sociais que ele promove a exemplo dos mutirões anuais que atendem milhares de pessoas simples da comunidade. Não sei como esse homem ainda não é bispo ou eleito para comandar sua Ordem!...

Pois é, como diz o caboclo, é que no mês de Agosto fui convidado pelo frei José Raimundo para fazer um curso bíblico de Jonas. Jonas aquele que ficou três dias e três noites no ventre duma baleia por desobediência a Deus. Fiquei honrado com o convite, mas assustado com as palavras do pároco: “50 pessoas pensantes e cada pessoa pensante passe o conhecimento adquirido para mais 12 pessoas incumbidas de levar a mensagem de Jonas à comunidade.”

Fiz indiferença ao convite, não me incluía dentre os “pensantes”, se fosse entre os “menos pensantes”, talvez o tivesse aceitado. Não tenho a palavra douta de um São Tomás de Aquino, de um São Paulo, de um Santo Agostinho, de Santa Teresa de Jesus, a Doutora da Igreja Católica, menos ainda a fé de um São Francisco de Assis, de uma

Santa Clara ou a perseverança e a humildade de uma Santa Rita de Cássia ou de uma Irmã Dulce.

Gosto de chupar o doce da laranja, eu não gosto de ilações exegéticas, toda vez que entro nessa seara me dou mal (leia o ensaio: "O homem nasce para ser feliz?..."), o racionalismo não se coaduna com a fé... Leio Rute, Judite, Daniel, Jó, Jonas, Ester, José etc., com o olhar dos poetas e escritores românticos, deleitando-me com a narrativa e com o estilo dos autores bíblicos e não de um exegeta. Quero viver e morrer na fé como a minha avó, que não fazia um "ó" com o copo, mas conhecia e vivia a fé em Deus como ninguém.

Porém, pelo apreço que tenho ao pároco, um bichinho ficou perturbando a minha mente por não ter aceitado o seu convite, mas tranqüilizei-me quando o sacerdote convidou ao púlpito, uma semana depois, os "pensantes" para que dessem os seus testemunhos à assembléia sobre o curso de Jonas. Os testemunhos não poderiam ser mais alvissareiros: todos estavam compenetrados da boa nova, dali em diante, eles subverteriam a frase: "... a seara é grande, mas os trabalhadores são poucos..." pela frase: "a seara é pequena e os trabalhadores são muitos..."; dali em diante, Itabuna seria uma nova Ninive: todos os homens iriam jejuar, iriam trocar as vestimentas pelos sacos, iriam untar-se de cinza, convertidos e salvos!...

Pensei que o sacerdote tivesse me esquecido, ledo engano, no último Domingo, dia do Senhor, dia 19 de Setembro de 2010, fui abordado mais uma vez pelo pároco que me doou uma revista da PAULUS com o compromisso da leitura de Jonas, portanto, fiquei na "casa do sem jeito", como diria o capitão Natário da Fonseca, jagunço de Tocaia Grande de Jorge Amado e, comprometi-me de estudá-lo, não de levar a missão de Jonas aos recantos da nossa cidade: sou réu confesso da minha inépcia evangelizadora.

A história de Jonas é uma narrativa igual a tantas outras que o leitor encontra na Bíblia sobre o povo hebreu, os judeus. Israel abrigava o Templo de Jerusalém, a Casa de Jeová, o reduto da teocracia, donde os sacerdotes detinham o saber e os mistérios da vida e da morte, além de governar o país.

Jonas filho de Amati, Amitar para outros, recebe uma missão de Jeová para converter os ninivitas, povo mau e inimigo de Israel, senão todos seriam destruídos, inclusive, os animais.

Ninive capital da Assíria, naquela época tinha o potencial (resguardando o período histórico) de Salvador, de Recife, de Aracaju, em que a maioria absoluta das cidades eram tribos de alguns minguados habitantes, uma cidade com 120.000 habitantes que era a população de Ninive era o luxo, o supra-sumo e requinte dos assírios, por isto é fácil imaginar a corrupção, a maldade, os desvarios sexuais, os crimes, a exploração comercial e as injustiças que proliferavam em Ninive e chegaram até Jeová e a resistência de Jonas em não querer conclamá-la ao arrependimento, à conversão.

Jonas representava o nacionalismo radical do povo hebreu, o nacionalismo do povo judaico, o orgulho do povo escolhido por Javé, o povo santo de um Deus vivo, protetor, pai, pregar mensagem de vida, de esperança e conversão para estrangeiros, povo impuro, era melhor morrer, ele e os seus contemporâneos entendiam que a misericórdia de Deus era apanágio de Israel e do Templo e não doutro povo, principalmente, um povo ruim, perverso, destruidor, era muito para ele entendê-Lo...

Por isso, desobedeceu a Jeová e descendo a Jope embarcou num navio para Társis, cidade contrária a Ninive. Durante a viagem, o navio foi colhido por uma grande tempestade e os marinheiros não tiveram outra saída, senão, jogar as mercadorias mais pesadas no mar para diminuir o seu peso, todavia, o perigo continuava rondando a tripulação, Jonas se homiziara no porão do navio e foi encontrado pelo comandante da embarcação em sono pesado: “Levanta-te invoca o teu Deus, talvez assim Deus se lembre de nós para que não pereçamos”.

Como a tempestade e os ventos não se arrefeciam, combinaram disputar entre si a sorte e chegarem à causa do mal e Jonas foi o sorteado: “Que te faremos para que o mar se acalme em torno de nós?”. A solução encontrada foi jogá-lo ao mar, o resto o leitor já ouviu dizer ou já leu.

Os ninivitas receberam a misericórdia de Javé a contragosto de Jonas e dos sacerdotes do Templo. Magoado, ele estabeleceu sua tenda nos confins da cidade de Ninive. Javé fez nascer em sua tenda, por um dia e uma noite, uma mamoneira que a

cobria com suas folhas, mas logo a fez secar para desespero e incompreensão de Jonas e admoestação de Javé: “Tens, por acaso, motivo para ti irar? Está certo que te aborreças por causa da mamoneira?” e, acrescenta: “E não hei de Eu ter compaixão de Ninive em que estão mais de cento e vinte mil homens, que não sabem discernir entre a sua mão direita e a sua mão esquerda, e também muitos animais?”.

A lição deixada pelo livro de Jonas é que a misericórdia de Deus não tem limite. Não existe povo escolhido, a graça do Altíssimo é estendida a todos os homens santos e pecadores.

Faz-se jus também esclarecer que Jonas pode ser uma personagem fictícia, usada pelo autor dessa historieta, que conhecia demais a tradição judaica e os estrangeiros, com o objetivo de desmistificar a teocracia de Israel e os ensinamentos do Templo. Naquela época, ano 704 a. C., a aversão ao estrangeiro, ao não-judeu, nascia com o indivíduo, em Êxodo lê-se: “Fica atento para observar o que hoje te ordeno: expulsarei de diante de ti os amorreus, os cananeus, os heteus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus. Abstém-te de fazer aliança com os moradores da terra para onde vais, para que não seja uma cilada” (Ex.: 34, 11-12).

Enfim, a recomendação da Igreja Católica em estudar a história de Jonas e tê-la como modelo evangelizador é procedente, entretanto, é necessário que os missionários se conscientizem que não existe mais Ninive nem os ninivitas, hoje, o homem tem consciência de sua bondade e de sua maldade, sua conversão, exige que o missionário faça outras leituras e releituras bíblicas, o lirismo do passado não tem espaço neste mundo materialista e racional.

Gênero Literário: Narrativo

Autor: Rilvan Batista de Santana

12

Bebo eu, bebe todo mundo...

R. Santana

Bebeu a princesa Isabel, bebeu o imperador

Bebe o soldado, bebe o cabo e o major

Bebe o pobre, bebe o remediado e o rico,

Bebo eu, que não sou rei nem militar!...

O Senhor deixou a mandioca, a uva, a cana...

O homem fez vinho, vodka, whisky...

O Francês bebe vinho, o mexicano bebe tequila,

O americano bebe whisky, cerveja bebe o alemão.

Bebe o meirinho, o advogado, o juiz e o promotor

Bebe o bispo, o padre, o franciscano e o sacristão,

Bebo eu, que não sou direito nem santo, sou pecador!

Bebe o ministro, o deputado, o vereador e o senador

Bebe o cientista, o enfermeiro, a médica e o doutor,

Bebo eu, bebe todo mundo, também, o presidente!...

Gênero: Soneto (verso livre)

Autor: Rilvan Batista de Santana

13

A trama da vida

R. Santana

I

O salão fúnebre da Funerária Santa Fé ficou pequeno pela aglomeração de parentes e amigos a velar o corpo de Carlito, vítima fatal de um assaltante, naquele momento, ainda não identificado e preso.

Carlos André Almeida nos documentos e Carlito para todos, era casado há pouco mais de um ano e o destino lhe foi ingrato não deixá-lo ver o filho nascer que por coincidência não explicada, nasceu na madrugada do seu passamento.

Diz o povo que Deus não chama para o seu seio os maus, mas os bons, no caso de Carlito, justificam-se os dizeres populares e Carlito naquela hora, deveria estar nos braços de Jesus Cristo para que os seus amigos e parentes aceitassem sem desespero esse acontecimento funesto.

Amigo de todos, ótimo filho, irmão exemplar, marido incomum, não merecia aquele trágico fim, menos ainda, não ter visto o seu filho chegar ao mundo, vê-lo andando pela casa traquinando, vê-lo balbuciar as primeiras sílabas e chorar de birra nos braços da mãe, rejeitando a mamadeira e querendo peito, decerto, o mundo lhe pregou uma maldade através de uma mão criminosa.

Carol, sua jovem esposa, estava no mês de parir, não obstante faltarem alguns dias em seu calendário pra que ela desembuchasse o rebento, o choque da morte do marido e companheiro, rompeu-lhe a bolsa, precipitou-se o parto, e quase semi-consciente, em estado de choque, foi levada às pressas para maternidade e deu à luz.

Jovens brincalhões, afáveis moleques, conquistavam com facilidade o mais recalcitrante sisudo. Sua Casa sempre de portas abertas nos finais de semana e dias festivos. Eles pareciam viver uma eterna felicidade e se algo não lhes ia bem, não

estragavam o ócio dos amigos ou vizinhos com queixumes, se a necessidade insistisse, no máximo, recorriam às suas famílias.

Domingo era o dia do Senhor. Cedo ainda, de braços dados, eles desciam a Rua 15 Novembro até a Igreja Nossa Senhora das Graças, Lhe prestar culto e amor.

Eram requisitados pra aqui e acolá, mais que bouquet de noiva pelas solteironas... Carlito e Carol gostavam das benesses da vida e Carlito mais do que Carol, ambos mais do que muita gente.

II

A miséria é filha da pobreza e neta da necessidade. O pobre é aquele que não perde de vista o supérfluo ou o sonho sem deixar de perseguir as condições necessárias para sua subsistência. O miserável é aquele que além de não sonhar, não tem supérfluo, perdeu a vontade de lutar, perdeu a esperança e a vontade de viver, para o miserável não existe projeto.

Clô tinha prendido Kaka pela beleza. Bonitona, traseiro reforçado, airbag grande sem ser exagerado, cor de canela, cabelos ruivos, altura mediana e rosto suave. Não era casada no papel com o bonitão Kaka, mas depois de três filhos e cinco anos comendo farinha juntos, é como se fosse casada.

Kaka também não era de se jogar fora, além de ser amigo, esportista, bom papo, inteligente e sociável. Há dois anos, ele e Clô vinham passando dificuldades de sobrevivência, depois que Kaka perdeu o emprego e, na esteira do desemprego, a doença do filho mais novo.

Juninho, ultimamente, não passava uma semana que não fosse levado às pressas a postos de saúde e hospitais com problemas de saúde. Juninho chegou ao mundo doente após um parto sofrido e prematuro parto de Clô. Desde os primeiros meses, ele não dava trégua às farmácias e aos bolsos sofridos e esgotados dos seus pais.

Vulgarmente, dir-se-ia que o último filho de Kaka e Clô fosse uma rapa de tacho por ser o último - Clô ligou com o nascimento do filho caçula.

Naquela tarde, o garoto teve mais uma crise, levado ao posto de saúde mais próximo, receitado e medicado, voltou para casa com uma receita para que os pais providenciassem os remédios e dessem curso ao tratamento.

III

Sexta-Feira, final de semana, noitada promissora, barzinhos superlotados, música ao vivo e mecânica, boates concorridas, era o cenário que se desenhava na cabeça de Carlito. Porém, naquela semana, ele e Carol tinham decidido não curtir as noitadas e ficarem em casa, pois, Juninho – nome escolhido por ambos - já dava mostras de impaciência na barriga da mãe, não tardaria ele botar a cabeça pra fora e saltar para o mundo...

Carlito ficou preso, depois do expediente, às obrigações daquele dia, por conta de uma sobra de caixa. Funcionário do Banco – X, empregado responsável, meticuloso, não deixaria o banco enquanto não descobrisse o erro, procedimento comum quando a necessidade surgia.

Às 20h: 45m, daquela fatídica sexta-feira do ano 2000, do mês das noivas, quando Carlito deixou o banco. As ruas do centro de Itabuna começavam ficar erma e despovoada, salvo, o movimento dos carros com os seus faróis cuspindo luz, vez ou outra se encontrava uma viva alma, com exceção dos moradores de rua que se encontravam aos montões deitados nos passeios das marquises enrolados em trapos, geralmente, moleques e bebuns, quando a entrar num beco de uma rua estreita, Carlito é colhido de surpresa por um homem que lhe cutuca as costas com um revólver:

-Passe a carteira!!! – Carlito adquire força para adverti-lo:

-Cuidado, companheiro, a polícia faz ronda aqui!

-Deixe de conversa mole, passe o dinheiro!

-Calma, tome a cart...– Carlito pressentiu que o homem tremia, reagiu...

IV

Kaka chorava abraçado ao corpo inerte do filho. Não o vira partir, o remorso corroia-lhe a alma, culpava-se por não ter trazido a tempo os remédios. Clô ao seu lado, minimizava o seu sofrimento, usava as palavras mais confortadoras, inclusive, dava-lhe como exemplo sua dor de mãe e acrescentava que ninguém tinha culpa de nada, vontade de Deus, assim ou assado, fora dado toda assistência médica ao moleque. Ele, Kaka, não poderia culpar-se por não ter comprado os remédios imediatamente, conhecia e partilhava de suas dificuldades financeiras dia-a-dia, e, não obstante ele está desempregado algum tempo, virava-se como podia para que ela e os filhos tivessem o mínimo pra sobreviver.

V

A polícia foi rápida na identificação do suspeito. Todo crime é chocante, porém, a covardia do crime do bancário revoltou a sociedade itabunense e os meios de comunicação ecoaram de imediato esse clamor social a vítima ainda insepulta.

VI

Clô desabou... Os amigos e vizinhos de Kaka ficaram estupefatos e confusos quando a polícia adentrou sua casa e o algemou, causando tumulto, não respeitando as pessoas presentes e as circunstâncias fúnebres.

Houve um pálido movimento de reação, mas tudo voltou ao normal quando o delegado informou aos circunstantes, os fortes indícios que apontavam Kaka como o criminoso do bancário Carlito.

Uma semana depois, o jornal “O Matutino”, trouxe em sua página principal a triste manchete com letras graúdas:

“KAKA SUICIDA-SE E PEDE PERDÃO...”

A página policial completava a manchete da primeira página esclarecendo que o principal suspeito deixou um bilhete pedindo perdão à família de Carlito, que não queria matá-lo, foi um acidente, tinha sido vítima da necessidade, das circunstâncias, dos homens, da trama da vida...

Para consolo da viúva (se fosse possível consolar-lhe), lembrava-lhe que ela perdera o marido, mas dera à luz Juninho e faria sonhos acontecer, enquanto Clô perdera Juninho, lhe perderia, herdaria necessidade e sofrimento e não faria os sonhos acontecer.

A pobreza é romântica no coração dos ingênuos e dos incautos. Porém, ela tira oportunidades, separa pessoas, destrói sonhos e inviabiliza projetos.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Gênero: Conto (registrado)

Itabuna (BA)

14

D. Morte

R. Santana

A morte é uma bicha traiçoeira, quando menos se espera, ela bate na porta do ser vivente, independe de idade: criança, jovem, adulto, velho, todos estão em sua lista desde o nascimento, uma coisa é certa: “Quem moço não morre, velho não escapa”. Não se pode dizer que a morte é preguiçosa, ela trabalha diuturnamente.

Alguns caricaturistas representam-na como um ser esvoaçado com uma grande foice; outros, um ser encoberto por uma capa preta com uma foice no ombro; há ainda quem a represente com duas foices em xis, com asas e flutuando; os gozadores representam-na sentado no esqueleto de um reles pangaré ou ostentando um grande relógio numa das mãos e a maldita foice na outra, alertando: - Olhe sua hora!...

Ninguém gosta de fila. Fila de banco, fila de lotérica, fila de médico, fila de hospital e outras filas são ojerizas de todos os mortais, de quando em vez, espertinho é repelido quando usa a Lei de Gerson para ser atendido primeiro, mas a fila da eternidade nenhum espertinho quer ser o primeiro, pelo contrário, cede com presteza o seu lugar:

- Se o senhor quiser pode ir. Eu não tenho pressa...

- Não! Eu não furo fila, é sua vez, eu tenho todo tempo do mundo... – completa: - se lá for bom o senhor venha me dizer! - ninguém tem pressa...

Até Jesus Cristo no seu momento humano de angústia e aflição, antes do beijo de Judas, teve pavor da morte, dizendo: "Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia não se faça a minha vontade, mas a Tua" (Lucas 22:42).

Para os ateus, a morte não é uma passagem para outra vida, mas o retorno da matéria á sua origem e a fluidez de energia concentrada num corpo. Para alguns religiosos, uma evolução do espírito; para outros, o homem morre porque é pecador, limitado, São Paulo enuncia: "Por que o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor" (Romanos 6:23).

Os gregos, os romanos e os povos orientais renderam-lhe tributos em suas mitologias deístas: Tânatos, Kali, Shinigami e Yama etc. Tânatos deus da morte de coração duro, filho de Nix, deusa da noite e Hipinos ou Érebo, a noite eterna do Hades. O hinduísmo tem o seu deus da morte, personificado por Kali, uma mulher escura com um colar de crânios e braços decepados, um horror!... Shinigami é o deus da morte dos japoneses, pra cada tipo de morte, é um deus diferente, ele leva a alma humana para o outro mundo. E, Yama é o senhor da morte dos indianos.

Os poetas e os ficcionistas de todas as gerações falaram da morte pessoalmente ou através de seus personagens. A escola literária romântica foi quem mais descreveu a luta, a angústia e o drama existencial do ser humano e o medo da morte. Os seus

representantes se afogavam na boemia, na bebida, no nacionalismo exacerbado, no amor utópico, no amor ideal, nos prazeres da carne, nas volúpias e não foram poucos os que morreram, prematuramente, pelo “Mal do Século”.

Lord Byron teve premonição de sua morte, Mozart compôs o seu Réquiem, Augusto dos Anjos cantou tanto a morte que recebeu o título: “O poeta da morte”. Mário Quintana, também, escreveu sobre o amor, a vida e a morte. Machado de Assis “imortalizou” a morte com o seu romance “Memórias Póstumas de Brás Cuba”. Brás Cubas, depois de morto, escreve suas memórias com palavras sarcásticas, irônicas, fúnebres e começa o seu livro deixando ao primeiro verme que lhe comeu esta dedicatória: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver, dedico com saudosas lembranças estas Memórias Póstumas”.

O melhor livro de Jorge Amado: “A morte e a morte de Quincas Berro d´ Água”, ao contrário de Machado em que Brás Cubas destila o seu humor negro, Quincas, um antigo funcionário público, morre três vezes (morte moral, morte natural e morte no mar), ao lado dos seus amigos, regado de muita cachaça e música.

Porém, a morte não é tão má, tem o seu lado folclórico. A consciência coletiva registra mitos e estórias humoradas, aforismo, de uma morte bonachona e boazinha, veja:

> Num lugar bem distante, no outeiro de uma serra, morava um casal ainda não maduro. O homem, um destemido lavrador; a mulher, cuidava da casa e das criações. Viviam para o trabalho de sol a sol, com exceção do dia de domingo quando eles iam a cidade louvar a Deus e comprar o fato e a carne-de-sol da semana. Certo dia, D. Morte bate no barraco do casal e pergunta à mulher pelo paradeiro do seu marido. A mulher atabalhoada, responde-lhe que o seu marido àquela hora, deveria estar lavrando a terra ou no cabo do machado cortando lenha. Sisuda, com as faces descarnadas, vestida de preto, deixa-lhe um recado:
>
> -Avise ao seu marido que no próximo inverno virei buscá-lo, dou-lhe esse tempo para descansar! – num piscar de olhos, desapareceu...
>
> O tempo passou, o lavrador redobrou-se no trabalho, sua mulher o admoestava:

-Homem, D. Morte mandou-lhe descansar, pára homem!... -Mulher, “cavalo de corrida morre na pista”, não vou ficar esperando D. Morte na cama, morte é morte, não é? – colocava o embornal nas costas e se mandava pra roça. Os dias se passaram e as estações do ano também e quando o tempo chegou D. Morte bateu na porta do lavrador para levá-lo, mas não o encontrou. A mulher questionada repassou-lhe o recado do marido e D. Morte, ao invés de levá-lo, admirou-lhe a coragem e não lhe tirou a vida por uma centena de anos...

Porém, quando alguém lhe quer engambelar:

Um velho enfermo recebeu a visita de D. Morte. Ele choramingou, implorou, pediu-lhe mais um tempo, pelo menos que lhe deixasse viver até o aniversário da netinha... D. Morte derreteu-se de dó, quê significava mais uns dias? Nada! Nada demais satisfazer o pedido de um avô e deixou o pobre diabo em paz. Os dias se passaram, o velho rijo, vendendo e emprestando saúde fez o aniversário da netinha e gozou da festa. Final de festa, todos recolhidos aos seus aposentos, o velho também, D. Morte lhe reapareceu para cobrar o trato. O velho ardiloso, tratante, pediu-lhe mais tempo, queria ver a nota formada... patati... patatá... patiti... patatá... e joga conversa fora em D. Morte... Então, estressada de muito trabalho, preveniu o velhaco: - Tudo bem! Você me pegou de boa maré, quando for sua hora me chame!... Os dias se passaram. O puto velho, mais alegre que “pinto no lixo”, caiu na gandaia, na bebedeira e na esbórnia, trato esquecido... Certo dia, na mesa de um bar, passa D. Morte encarnada numa morena de tirar o chapéu: bumbum empinado, peitos furando o sutiã, cabelos cor de graúna, rebolando num salto quinze, aí o velho não agüentou:

-Mata o velho!... Mata o velho!... .Mata o velho!...

E o velho morreu! Não se engambela D. Morte...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 22.01.2010

15

Madrasta, mãe

R. Santana

Madrasta, madrasta boa, madrasta má, amável madrasta!

Mãe de filhos de ti não gerado, por ti acolhido e amado,

Filho sergipano, alagoano, pernambucano, mineiro, filho...

Filho branco, preto, amarelo, filhos de raça, raça humana!...

Filhos bons, filhos maus, filhos gratos, filhos ingratos, filhos!

Filhos de orixás, de Iyárobá, de Yoruba, filhos do candomblé,

Filhos ateus, filhos espíritas, filhos católicos, filhos evangélicos,

Filhos baianos, filhos adotados, aceitos, filhos queridos, amados!...

Bem-aventurado quem de ti nasceu, cresceu, viveu e voltou a ti.

Félix a desvirginizou, Firmino Alves e Henrique esposaram-na...

Buna de Maria, que nas tuas águas lavou e, ita, pedra preciosa!...

Madrasta, madrasta doce, madrasta efêmera, mãe, mãe eterna!

Pedaço de terra querida, princesa, princesinha do Sul da Bahia,

Na pia, nem tabocas, nem itaúna, mas para sempre, Itabuna!...

Gênero: soneto (verso livre)

Autor: Rilvan Batista de Santana

16

Mãe, onde está o seu filho, agora?...

R. Santana

Alguém que de chofre pergunte pelo paradeiro dum filho à sua mãe, nos dias atuais, decerto, terá uma resposta insegura, vacilante, vaga, pois, cada dia, a mãe sabe menos aonde anda e com quem anda o seu filho... Ele pode estar na escola, na biblioteca, numa "Lan House", jogando bola, comprando pipoca, chupando sorvete ou num lugar ermo, embaixo duma marquise, numa casa abandonada, num apartamento de luxo, fumando maconha ou pitando crack ou se alcoolizando, ou cheirando cocaína ou usando "ecstasy" e LSD, então, por algum dinheirinho a serviço do narcotráfico.

A droga é uma peste, ela mina a sociedade e destrói a família. Jean Jack Rousseau foi feliz quando mais ou menos disse: "... o homem nasce naturalmente bom e a sociedade o corrompe, torna-o mau". O jovem de hoje é cada vez mais pervertido, é cada vez mais corrompido, é cada vez mais vítima de animais humanos desprezíveis, de bestas-feras, de facínoras desprovidos de alma e coração que os Direitos Humanos exigem que os tratemos como humanos...

Felizes são os pais que vêem o seu filho nascer, crescer e amadurecer!... Hoje, os filhos não mais sepultam os seus pais, mas os pais choram os seus filhos cada vez mais. A malha protetora da sociedade da vida humana é falível e impotente. O estado que Tomaz Hobbers pensou para que o homem não fosse vítima de sua natureza: "home homini lupus", "homem lobo do homem", é uma teoria de estado que não deu certo, o homem, hoje, barbariza, mata, rouba, sequestra, estupra, calunia e denigre o outro sem conflito de consciência, cinicamente e, a sociedade e o estado...

A Lei 8069 de 13 de julho de 1990, ou seja, o Estatuto da Criança e o Adolescente – ECA, os juizados da infância e juventude, os ministérios públicos, os conselhos tutelares da infância e juventude, as pastorais e outros órgãos afins, não contêm a demanda, são ineficientes, cada vez menos, eles não cumprem o seu papel, é comum nas grandes cidades, as bocas-de-fumo, as prostituições infantis e os absurdos de abusos sexuais no seio da família, nas barbas das autoridades e da sociedade.

Antes da Internet, antes da mídia comprometida com o IBOP e com o sensacionalismo, quando o brasileiro era tupiniquim, caipira, jeca, quando a escola e a família eram mais estruturadas, quando o homem não estava conectado ao mundo, quando a palavra "narcotraficante" não constava no dicionário, quando "droga" não era uma droga, quando "aviãozinho" era uma miniatura, quando a religião era coisa de beato, quando "bandido" era personagem de filme americano, quando se prezava as relações afetivas, quando "craque" era um exímio jogador de futebol, quando os instintos primitivos do homem eram usados na sua autodefesa, as bestas-feras, os psicopatas e os criminosos eram personagens de cinema e cochichos de vizinhos, a vida tinha sentido.

No livro de coletânea: "Encontro Pontual - Antologia Scortecci de Poesias, Contas e Crônicas, 21ª. Bienal Internacional do Livro de São Paulo – 2010"; há um conto de minha autoria, intitulado: "Nóia não, meu filho!", o confronto de um policial e uma mãe, quando ela chorava a morte do seu filho assaltante, crivado de balas, e o policial lhe rogou que não chorasse a morte dum nóia.

Portanto, não existe mãe de ladrão, de malfazejo, de criminoso, mas filho da mãe, filho do coração, filho da alma, por isto, é justo reconhecer que a mãe, moça, madura ou velha encarquilhada pelo tempo, não é responsável, porém, ela é vítima e a mais sofrida pelos desvios de comportamento dos seus filhos por influência desses corruptores e desses criminosos dos novos tempos e a ausência de políticas públicas efetivas.

Não se faz apologia do atraso e não se faz apologia às ideias retrógradas. A evolução, o desenvolvimento, as conquistas tecnológicas e científicas são bem-vindas, são necessárias, mas quando o homem é o "lobo do homem", é um animal perverso, os bandidos assumem as funções do estado, o homem é desprovido de valores morais, não tem apego à família, é desprovido de amor e de Deus, é o começo do fim, faz-se necessário renegar a evolução dos tempos e o desenvolvimento, seria melhor que a mãe respondesse à pergunta:

- Mãe, onde está seu filho, agora?...

Gênero: Crônica

Autor: Rilvan Batista de Santana

17

O Aborto

R. Santana

À uma hora, daquela Segunda-Feira, Mariana, esborrachada na cama, não despregava os olhos do teto do seu apartamento. Não conseguira pregar os olhos, o sono lhe tinha fugido, há seis meses tinha feito um aborto, seis meses de noites mal-dormidas e não dormidas. Os remédios lhe aliviavam a tensão, a angústia, o mal-estar, as dores de cabeça, os remédios lhe davam um arremedo de sono, um sono conturbado, um pesadelo, mas os remédios não lhe davam sono, os remédios não lhe curavam, os remédios não curavam sua dor...

Mariana lembrava-se como tudo começou: desiludida de Victor por arrastar-lhe a um noivado que não tinha fim, jogou-se nos braços de Guto, o melhor amigo do seu noivo e engravidou. Não sabia se engravidara de Vítor ou de Guto, poderia colocar o rebento nos braços do noivo, mas poderia ser traída pela natureza assim como foi traída Capitu quando foi infiel ao seu marido Bentinho com Escobar e nasce Ezequiel semelhante ao amante para seu desespero e martírio longe da pátria.

Às 2 horas, daquela Segunda-Feira, o calor tomava conta do seu quarto, Mariana respingava de suor, não obstante o ventilador ligado, a cabeça latejava-lhe, num impulso levanta-se da cama, veste uma roupa leve, olha pela vidraça da janela, a cidade está vazia, as ruas estão bem iluminadas, vê de quando em quando algum notívago passar sem rumo e sem pressa (morador de rua ou boêmio), cansada daquela imagem soturna, pega o elevador e desce...

Às 3 horas, daquela Segunda-Feira, Mariana cansada de perambular a esmo pelas ruas da cidade volta para o apartamento. Saiu muda e voltou calada, no saguão esbarrou com um dos porteiros que a cumprimentou, ela grunhiu como resposta, um gesto que não passaria despercebido pelo mais desleixado dos servidores do prédio, pois era dada com todos, do zelador ao mais ilustre morador, era persona grata em todos 64 apartamentos, arroz-de-festa, conhecia cada família com se sua fosse.

Sua cabeça não mais latejava, tomou algumas providências necessárias antes de se jogar na cama: abriu as janelas, desceu as venezianas, colocou um colchonete na sala e duplicou os barbitúricos!...

Às 4 horas, daquela Segunda-Feira, Mariana dorme o sono dos justos.

Doutor Marcos não era santo nem satanás, restava-lhe alguns pruridos morais e éticos ao longo de 28 anos de boa obstetrícia, porém a necessidade de manter os filhos em faculdades de elite, há uns 8 anos, vinha driblando a Lei. Agora, com os filhos formados e bem encaminhados na profissão e no bolso, não havia necessidade dele continuar na má obstetrícia, mas como o hábito é uma segunda natureza, continuava praticando-a naqueles casos que a Lei o amparava, porém, o cesteiro de um cesto é o mesmo de cem, também a praticava naqueles casos em que a cliente possuía uma conta bancária irresistível.

Explicou-lhe os riscos e os procedimentos de um aborto na primeira consulta, deu-lhe um tempo para pensar... Mariana resistiu ao apoio psicológico indicado pelo médico, não ia voltar atrás, "alea jacta est", se César confiou na sorte, "eu não"? Por isto, marcaram dia e hora para expulsão daquele corpo indesejável!...

Às 5 horas, daquela Segunda-Feira, Mariana estirada no colchonete de sutiã e calcinha, mexia-se e choramingava baixinho, depois, num diálogo estranho, quase aos gritos, movida por uma força invisível, em transe, ela alternava vozes de adulto e criança com flashes de imagem:

-Olhe o seu filho!!!

-Esses pedaços de carne?!

-Você o quis assim!!! – berrava o médico.

-Não, não, é sua mentira – completava:

-O senhor disse que no meu útero não havia gente, mas um amontoado de células!... – o "filho" com doçura:

-Mãezinha, peça-lhe para devolver os meus pezinhos, as minhas perninhas, os meus braços, o meu corpo... – Mariana descontrolou-se:

-Devolva o meu filho doutor!!!

-Eu sou Deus? Você o transformou “nisso” quando tomou aquele remédio, ele teve que sair aos pedaços!

-Miserável!... – caiu em prantos. O “monstrinho”, girando a cabeça sinistra, grita:

-Assassinos!!! – voltando-se para mãe:

-O manto da treva cubra sua alma para sempre!... – voltando-se para o médico:

-Certamente, tua alma queimará no fogo do inferno, mil anos sejam-lhe dados para cada vida que tu tiraste!...

Mariana acordou encharcada de suor, a cabeça lhe latejava, alucinada, rogava perdão ao Criador, incontinenti se joga do 4º. Andar, seu corpo cai sem vida no playground.

Que o seu sangue lhe lave os pecados e Deus lhe dê a vida eterna!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Gênero: conto (registrado)

Itabuna, 21.12.2009

18

O homem-rato

R. Santana

Galego deveria ter uns 40 anos de idade, um pouco mais ou um pouco menos, todavia, o tempo de cachaça era o mesmo, pois começou beber a branquinha no ventre de sua mãe, de acordo o bebum, a velha também gostava duma caninha desde moça e não se tornou abstêmia quando de sua gravidez, naquela madrugada há 4 décadas passadas quando lhe deu à luz, a parteira encheu a moringa de murcha-venta de sua mãe

para que ele não demorasse de nascer, cesariana era luxo de grávida rica, pobre tinha que ser no cru e no cru Galego veio ao mundo.

Ele possuía consciência cidadã, reclamava dos poderes públicos, tinha consciência de sua miséria, era um bebum diferente dos demais, que noite e dia, dia e noite, inundam a feira-livre da cidade de Tupiara e sua praça do "Ó", dormem embaixo de marquises de lojas circunvizinhas, enrolados em trapos velhos, papelões e colchonetes sujos e nojentos. Os gogorobas se confundem com os seus andrajos, não se sabe quem fede mais, eles ou os seus trapos, restos de gente, farrapos de gente...

Apresentava-se de maneira correta consigo e com o interlocutor:

-João Alberto da Silva, vulgo Galego!... – completava:

-Vossa Senhoria chama-se?... – quando peitava uma autoridade:

-Vossa Excelência é responsável pelo aumento desses miseráveis!... – a autoridade protestava:

-Quê é isso?... Estou no cargo há menos dum ano, eu não sou responsável por suas desditas! – Galego justificava:

-Eu sei Excelência, mas os políticos prometem fundos e mundos aos pobres antes da eleição, depois de eleitos, enchem os ricos de fundos e mundos!... – os assessores e bajuladores, de pronto, intercediam para que a conversa não se azedasse e arrastavam "Sua Excelência" para longe dali.

Galego fez-se a voz dos miseráveis, a autoridade sem mando, o advogado sem causa e mandato, mais fanfarrão do que ouvido, o rei da bazófia e do alarde, o bobo metido a sabido, o São João Batista que clamava no deserto!...

De dia, perambulava pelas ruas de Tupiara, à noite, escondia-se em algum lugar, decerto, preocupado com gente perversa que se esconde no manto da escuridão para o gozo de suas maldades. Alguns colegas de copo juravam que ele possuía filhos, mulher e casa, as mentes mais fantasiosas acrescentavam que Galego não era pobre, mulher e filhos cuidavam dos seus níqueis!...

Certeza não se tinha e não existe prova da fortuna do pé-de-cana, é comum ao homem simples fazer da desgraça do outro apologia, como se faz do limão uma

limonada, porém, uma coisa não se podia negar: Galego era diferente dos outros bêbados nas atitudes e na sutileza de raciocínio. Costumava poetizar o seu vício:

"Bebeu a princesa Isabel, bebeu o imperador

Bebe o soldado, bebe o cabo e o major

Bebe o pobre, bebe o remediado e o rico,

Bebo eu, que não sou rei nem militar!...

O Senhor deixou a mandioca, a uva, a cana...

O homem fez vinho, vodka, whisky...

O Francês bebe vinho, o mexicano bebe tequila,

O americano bebe whisky, cerveja bebe o alemão.

Bebe o meirinho, o advogado, o juiz e o promotor

Bebe o bispo, o padre, o franciscano e o sacristão,

Bebo eu, que não sou direito nem santo, sou pecador!

Bebe o ministro, o deputado, o vereador e o senador

Bebe o cientista, o enfermeiro, a médica e o doutor,

Bebo eu, bebe todo mundo, também, o presidente!..."

Naquela manhã, alguém lhe encontrou pra baixo, sorumbático, triste e esquecido do mundo:

-Eh, eh, eh, homem! Tristeza não paga dívida e do mundo nada se leva!... O quê houve?... – Galego não estava num dos seus dias:

-Eu não sou homem, sou um rato!!!

-Quê rato, homem!? Deixe de maluquice!!! Nunca lhe vi assim!

-Desculpe-me amigo, estou deprimido, mas nós não passamos de ratos!

-Nós, Galego!? Eu sou homem!!! – espinhou-se...

-Não se agaste rapaz! Para mim não existe retorno, sinto que estou mais prá lá do que pra cá, por isto, peço-lhe que deixe a mim e a minha desgraça a sós! – o rapaz insiste:

- Primeiro, explique essa história que somos ratos!...

- Rapaz, eu acho que somos piores do que ratos. O rato serve de cobaia à ciência, é um animal arguto, inteligente, vive em comunidade, em família, anda limpo, escovado, inspira filme, desenho e, o gato de Esopo não lhe colocou guizo no pescoço... Nós somos sujos, fedorentos, à margem da sociedade, relegados pela família, bobo da coorte!... Nós... nós... nós somos piores do que os ratos. Eu não sou homem... Eu sou pior do que um rato!!! – não esperou contraditório, deu-lhe as costas e foi embora.

Dias depois, morreu embaixo duma barraca de feira, encolhido, enregelado, desprezado da família e de todos, João Alberto da Silva, vulgo Galego, não, morreu o rato, não de novo, morreu sim, o homem-rato!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Gênero: conto

Itabuna, 13 de outubro de 2010.

19

O pestinha

R. Santana

O diacho da criança não deixava a jovem mãe em paz na fila do caixa do mercado. Deveria ter no máximo uns dois aninhos de vida. Bulia nos doces, nos barbeadores, nos jornais, tudo que estava exposto à beira do caixa, de quando em vez berrava de choro a qualquer intervenção da mãe que lhe contrariasse.

Rechonchudo, cabelos loiros anelados, feições viçosas, um garoto bonito e saudável... Se o diabinho não fosse tão estripulento, dava-se gosto colocá-lo nos braços em aconchego.

De repente, uma senhora, atrás da fila, incomodada com as más-criações do fedelho, irrompe agastada:

-Moça, repreenda essa criança!... - a jovem mãe bufou:

-Quem é a senhora para me mandar ralhar com o meu filho?

-Desculpe-me moça. Apenas, pedi-lhe para conter os viços e as más-criações da criança...

O pestinha nem estava aí para o entrevero, pulava no carrinho-de-feira, esticava os cabelos da mãe e choramingava:

-Ma... ma... mamaaa... ma... ma... mamaaa!... – outra senhora da fila, menos refinada:

-Dê mama a esse pestinha para nos deixar em paz! – gritou.

Não houve mais papo. A mãe, ofendida pelo xingamento de “pestinha”, avançou pra cima da senhora como uma leoa e a luta se deu...

Não houve morte nem ferido, os seguranças deram um basta no conflito, contudo, não foram diligentes suficientes para evitar que a mãe levasse uns bons tabefes das matronas que se uniram na desavença...

O fedelho alheio à briga, continuou berrando e choramingando:

-Ma... ma... mamaaa... ma... ma... mamaaa!...

Gênero: Conto

Autor: Rilvan Batista de Santana

20

O calcanhar de Aquiles da educação

R. Santana

Crítica boa é aquela que constrói. A crítica pelo prazer de criticar e a crítica tendenciosa não ajudam pessoas, menos ainda, quando se critica certos segmentos profissionais intocáveis e algumas instituições públicas, entretanto, a crítica construtiva, a boa crítica embasada em fatos, isenta, além de indicar erros, equívocos, aponta a boa direção e novos caminhos.

É temerário afirmar, mas o professor é o calcanhar de Aquiles da nossa educação, sem isenção das responsabilidades da família, da sociedade e do estado no processo de aprendizagem e educacional do educando.

Faz-se necessário dizer que o professor, hoje, está no final da linha de produção, ele é mal remunerado, não goza do prestígio social e o respeito de outrora, salvo algumas honrosas exceções, o professor é despreparado e se lhe fosse exigido prova para o seu registro nos moldes da OAB, a maioria absoluta desses profissionais seria reprovada, por isto, ao longo do tempo, deixou-se estigmatizar-se por “coitado”, “injustiçado”, “hei de vencer mesmo sendo professor” etc., ao invés dele soerguer-se, qualificar-se sempre, não negligenciasse o conhecimento, assumisse o seu papal de agente motivador do processo educativo, fosse mais criativo, mais original, tivesse mais

compromisso, deixasse de ser um mero reprodutor de idéias alheias e fosse mais profissional e mais educador.

O reflexo do despreparo do professor em todos os níveis da aprendizagem contamina todas as classes profissionais. Atualmente, não é exceção, erros médicos irreparáveis, engenheiros respondendo por homicídio culposo por imperícia profissional, advogados que não sabem peticionar, jornalistas que não sabem redigir, juízes "atropelando" leis, afora a grande massa de analfabetos funcionais egressos do curso fundamental e médio que as escolas públicas e privadas despejam todos os anos no mercado de trabalho, gerando óbices na mão de obra qualificada, atravancado o comércio, a indústria e inibindo o desenvolvimento do país e gerando a "indústria" dos cursinhos e as "fábricas" de diplomas.

Porém, não se pode imputar unicamente ao professor, o baixo nível intelectual e de escolaridade dos nossos trabalhadores, os governantes preocupados em melhorar o "ranking" do país em relação às nações em desenvolvimento e desenvolvidas, nos quesitos alfabetização, grau de escolaridade e tempo de escolaridade, utilizaram-se e ainda se utilizam de programas e instrumentos pedagógicos discutíveis (MOBRAL, Supletivos, Educação Integrada, Cursos de aceleração, Cursos à distância, Educação Continuada etc.), com o objetivo de suprir ciclos não concluídos de jovens e adultos, além do uso irresponsável de metodologias e ações pedagógicas de promoção do educando com graves déficits de aprendizagem.

A família é a principal responsável na formação cidadã e no processo de aprendizagem dos seus filhos nas faixas etárias da infância e adolescência, todavia, numa sociedade moderna em que a ausência diária dos pais, é uma regra e não uma exceção, a família pouco tem contribuído na formação moral e intelectual dos seus filhos, transferindo essas responsabilidades para escola.

O estado brasileiro e a sociedade elitizada levaram muito tempo para aprender a lição que "um país se faz com homens e livros", nunca se preocuparam de maneira efetiva com a cultura e a educação do povo. O domínio intelectual, político e a exploração do trabalhador perduraram até Getúlio Vargas quando a educação tomou uma nova feição com o seu ministro Gustavo Capanema. A partir do Golpe de 1964, os militares preocupados com o desenvolvimento do país, perceberam a escassez de mão-de-obra qualificada, instituíram os cursos profissionalizantes através da Lei 5.692/71, ao

molde educacional norte-americano, porém, cometeram o erro de não qualificar a priori, o professor, o principal formador dessa mão-de-obra – a improvisação foi a tônica...

A Informática, a Cibernética e o uso dos computadores em rede (Internet) não substituem o papel afetivo e humano do professor, a máquina jamais terá sentimento para compreender o choro duma criança, no entanto, o professor não pode prescindir, de agora em diante, dessa nova parafernália tecnológica em sua prática pedagógica e na vida pessoal sem prejuízo de informação e conhecimento.

As reivindicações históricas da classe docente de valorização salarial e melhores condições de trabalho são procedentes, os governantes e as escolas privadas têm sido sensíveis de acordo suas possibilidades orçamentárias, porém, a solução do problema educacional atual não se restringe, somente, ao aumento de remuneração, o professor ao longo do tempo vem negligenciando sua profissão...

Para a erradicação do analfabetismo funcional, dos problemas de aprendizagem, de gente não qualificada para o trabalho, a falta de gosto pelo conhecimento, pelo saber, de evasão escolar etc., será condição **sine qua non**, breve, que a sociedade e o governo criem mecanismos seletivos para o exercício e no exercício do magistério. A exemplo das empresas privadas, como prestação de serviço, se estabeleçam metas educacionais de qualidade e produtividade, evitando assim, que o magistério seja um "bico", um repositório de profissionais frustrados, despreparados, mercenários, não vocacionados, que não tiveram facilidades noutras profissões e encontram na prática pedagógica um meio fácil de sobreviver.

Não cabe, somente, ao professor, a tarefa de "empurrar" conhecimento na mente do indivíduo, orientá-lo, ensinar-lhe a aprender, cabe-lhe, também, o papel imprescindível de torná-lo melhor moralmente para vida social.

Alexandre, o Grande, definiu a importância do seu preceptor Aristóteles e o rei Felipe II quando disse: "Se um deu-me a vida; o outro me deu a arte de viver". Educar não é só instruir ou transformar o sujeito num repositório de conhecimento, educar é um conjunto de ações morais e intelectuais no processo de formação dum indivíduo, portanto, o exercício do magistério deve ser para aqueles que reúnem essas aptidões.

Enfim, o objetivo deste artigo não é tecer crítica fácil a esse segmento profissional da educação, mas lhe chamar a atenção para as novas ferramentas de

pesquisa e ensino e, chamar-lhe a atenção para uma nova maneira de pensar e de agir na construção do conhecimento. Hoje, com o avanço da comunicação e a democratização do conhecimento e a rapidez nas informações, é muito pouco ser professor!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 14 de janeiro de 2011

21

Saudosismo? Não!...

R. Santana

Os jovens dizem que saudosismo é "coisa de velho", que "recordar o passado é sofrer duas vezes", "museu é que vive de passado" etc., etc., portanto, é uma temeridade escrever sobre o passado, mas o presente é o futuro de ontem e o futuro é o presente do passado. O presente é o momento, o futuro é potencial, só o passado é real.

O homem vive num eterno conflito entre preservar o passado e caminhar para o futuro. Os palácios, as mansões, as casas automatizadas, as casas eletrônicas e as casas gradeadas não trazem a segurança e o conforto tão desejáveis ao homem moderno. Hoje, não é mais exceção, homens de sucesso, artistas, largarem glamour, riqueza e poder e optar por uma vida mais natural e mais simples, porém, mais feliz...

O tempo de vida do homem aumentou não em decorrência dos remédios artificiais, tradicionais, alopáticos, homeopáticos, mas pela consciência de novos hábitos de higiene, reeducação alimentar e reeducação física do homem moderno. A educação alimentar e os hábitos saudáveis de higiene desde cedo, ainda na barriga da mãe, são decisivos na prevenção, numa boa imunidade imunológica e na cura de doenças adquiridas, não genéticas. Hoje, a ciência médica, pouco e pouco, recorre às terapias alternativas naturais aos tratamentos tradicionais.

Não existe nenhum remédio farmacológico no trato de qualquer doença que não apresente efeito colateral, por menos nocivo que seja, de vez em quando, quando o

tratamento é demorado, além de não curar o indivíduo, contribui para o surgimento de novas doenças, por isto, é comum às pessoas mais velhas recorrerem aos chás caseiros para tratamento de suas doenças.

Hoje, não se vive bem na cidade nem na área rural como antigamente, os crimes, os roubos e outras modalidades de violência grassam em todos os lugares. Tempos idos em que os vizinhos papeavam no passeio de suas casas nas noites de verão ou fazendeiros deixavam suas casas na cidade, nas férias escolares, para o gozo e o sossego de seus familiares na fazenda.

Vai longe o tempo de um café na fazenda com cuscuz, milho cozido, leite, inhame, aipim, ovos estrelados, carne frita, café moído no pilão, melancia, manga, laranja; então, um farto almoço com buchada de carneiro e pirão; ou, uma gostosa feijoada com lingüiça, jabá, pés e costelas de porco, toucinho e verduras em abundância.

Hoje, as comidas das fazendas não são mais naturais e são menos gostosas e insípidas do que as comidas das cidades de frangos e carnes inchadas de hormônios e verduras crescidas com herbicidas e fungicidas. Nos Shoppings, nas pizzarias, os sanduíches, as massas, os sorvetes, os chocolates e outras guloseimas modernas dão o tom falso da nutrição e contribuem para adolescentes com doenças de velhos.

As amantes atuais nunca ouviram uma serenata. É exceção uma amante, hoje, ouvir do aconchego de sua alcova, no meio da noite, o seu amado embaixo da janela cantando músicas inebriadas de romantismo e amor. As serenatas, as declarações de amor, foram substituídas pelas danceterias e clubes noturnos, com músicas barulhentas, letras sem significado e inaudíveis, regadas de bebidas e drogas. Às vezes, amadas e amantes terminam a noite numa delegacia de polícia...

As declarações poéticas, os saraus, os luaus, a dança de Fred Staire, o teatro e os concertos noturnos foram substituídos pelos programas e filmes supérfluos de televisão, pelas danças eróticas de bumbuns valorizados, pelos filmes pornográficos e pelas culturas supérfluas.

O advento das especificações e da tecnologia ao invés de contribuir para formar profissionais preparados, qualificados, contribuiu para formar profissionais bitolados, despreparados que não enxergam um palmo diante do nariz, sujeitos a erros constantes e irreversíveis, principalmente, os profissionais que lidam com a vida e a morte, a

construção civil e os direitos do homem. É sabido que seria impossível, nos dias atuais, o saber ser patrimônio dum sujeito, mas é nocivo para humanidade, esquartejar e inflacionar o conhecimento.

O surgimento dessas especialidades profissionais e o avanço dessas tecnologias produziram uma falsa qualificação profissional. Hoje, os profissionais de formação intelectual só atuam em interdisciplinaridade, em interdependência, eles não possuem luz própria, não têm cultura geral, são comuns erros profissionais grosseiros, desastrosos, em decorrência dessa limitação do saber.

Não é justo hoje, a apologia da caligrafia, da tabuada, do quadro-giz, porém, condena-se o uso mecânico, automático, sem elaboração mental, com dependência das máquinas eletrônicas, dos softwares, da internet, da informática. Faz-se necessário dizer que esses inventos contribuíram para democratizar o conhecimento, torná-lo mais acessível e erradicar o domínio intelectual, o mal é que o homem ainda não aprendeu usá-los.

Se não é justo ressuscitar o tempo da tabuada, da caligrafia, da lousa e do giz, dos métodos não convencionais de aprendizagem, nem condenar a democratização do conhecimento com a informatização, a internet, os bancos de dados e a parafernália eletrônica, é justo e faz-se necessário alertar o homem para o uso indevido desses instrumentos modernos da aprendizagem e do conhecimento.

Certamente, marchamos para um futuro de homens de cérebros, pensadores, detentores do conhecimento, com domínio intelectual, e, homens sem “cérebros”, não pensantes, automatizados, robotizados, apenas, repetidores de ações pré-elaboradas, sem esforço mental...

Por isso, não se aceita o estigma de saudosista, de velho, de museu, de brechó quando alguém se lembra de velhos tempos em que o homem era um ser pensante, mais simples, mais natural, que se autodeterminava e não deixava para outrem a construção e o controle do seu conhecimento e de suas ações, portanto, é justo responder a alguém de pronto: - Saudosismo? Não!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 30 de outubro de 2010

22

Solidariedade

R. Santana

Faz-se necessário esclarecer antes de tecer qualquer comentário sobre a transferência do frei José Raimundo, pároco da Santa Rita de Cássia, no próximo mês, que não privo de sua intimidade, que não faço parte de nenhum grupo religioso, que não faço parte de nenhuma comissão pastoral, de nenhum ministério, que não trabalho nessa igreja e não tenho parentes nem aderentes que lá trabalhem, portanto, sou livre para externar a minha opinião sobre sua transferência para Porto Seguro.

Eu sou apenas, um simples católico (não sou beato), como tantos outros, que aos Domingos e noutros dias religiosos, eu vou à missa agradecer a Deus por ter me concedido mais alguns dias de vida, que aumente a minha fé para que ela não seja sucumbida pelas adversidades e circunstâncias do dia a dia.

Toda mudança é sofrida, por isto, quero levar-lhe a minha solidariedade, dizer-lhe que entre os seus paroquianos, muitos vêem sua mudança não como um cumprimento regimental de sua Ordem ou uma necessidade premente, mas como um ato ardiloso e político dos seus desafetos e daqueles que têm ojeriza e despeito do seu trabalho e do seu compromisso com a verdade.

A mudança numa instituição é salutar, a mudança traz novas idéias, a mudança oxigena as cabeças, desde que essa mudança seja motivada e esteja embasada em princípios democráticos, que todos os membros dessa instituição sejam ouvidos, não por injunções urdidas nos bastidores ao gosto e sabor do grupo dominante, não quero dar, aqui, uma de Lutero, porque me faltam autoridade e suporte intelectual, mas urge a necessidade da nossa Igreja Católica fazer reavaliação em alguns dos seus conceitos obsoletos e normas tradicionais antes que perca mais espaço para igrejas congêneres na fé.

O católico, hoje, é consciente de sua fé, não possui o perfil ignorante e ingênuo do tempo de Canudos de Antônio Conselheiro, menos ainda, do período das indulgências, das inquisições ou da “Divina Comédia” de Alighieri. O tempo dos beatos

e beatas, pouco e pouco, está desaparecendo... O católico atual exige uma igreja dinâmica, interativa, compartilhada, renovada, engajada, uma igreja que se preocupe com o espiritual, mas sem perder de vista as dificuldades temporais do homem, não uma igreja intocável, fechada, apolítica, distante e indiferente.

Os adversários do frei José Raimundo acusam-no de intratável, de misturar sua paróquia às lides políticas, de usar o púlpito de sua igreja para promover a eleição dos seus candidatos, ignorando o sentimento de alguns religiosos avessos à política e aos políticos.

Entende-se que é justo respeitar a posição pessoal desses fiéis, principalmente, aqueles de cabelos encanecidos, premiados pela longevidade e mentes não renovadas... Por outro lado, não é justo que um líder religioso seja omisso e distante dos problemas de sua comunidade, talvez, lhe faltou vocação diplomática para conciliar as idéias do passado com as necessidades atuais, aí, sobrevieram-lhe o desgaste, a antipatia e a conspiração rasteira...

No Século V, a.C., Aristóteles sustentava que "o homem é um animal político", portanto, faz-se imprescindível ao exercício da cidadania, as políticas públicas para que não falte ao homem: saúde, moradia, educação, segurança, transporte, saneamento básico e tantas outras ações políticas necessárias à existência humana.

No cotidiano frei José Raimundo é uma pessoa sociável, cordata, de fino trato. Nunca o vi esboçar qualquer gesto grosseiro na relação diária com os fiéis de sua paróquia. Todavia, muitos não aceitam um "não", essas pessoas acham que o sacerdote é desprovido de vontade, sempre tem que dizer "sim", mesmo com o argumento contundente de impossibilidade ou de inconveniência.

Não se pode negar o trabalho, a ética, a organização e o esforço missionário e evangelizador desse homem à frente da paróquia Santa Rita de Cássia. É prazeroso visitar as dependências de sua igreja: estacionamento sinalizado, jardim, salas de reunião, sala de informática, secretaria informatizada, tudo limpo, tudo pintado, tudo iluminado (ele recebeu a igreja quase às escuras), o cumprimento celetista dos funcionários em dia, organização contábil, boletins informativos do dízimo, cumprimento dos festejos religiosos e a criação de jornal e site paroquianos, afora a

campanha de reciclagem do lixo e os mutirões de saúde e prestação de serviço que atendem todos os anos milhares de pessoas e outras ações sociais.

Se alguém alegar que as atividades administrativas são de somenos importância em relação às atividades espirituais, responder-se-ia com as ações espirituais: a "missa dos homens", os missionários de Jonas, a formação religiosa dos jovens etc., etc.

Não se deve confundir firmeza de atitude com mal-educado, grosseiro, destemperado, colérico, pois Jesus Cristo, também, teve atitudes firmes, necessárias, a exemplo de expulsar os vendedores que fizeram do templo de Deus, antro de comércio e perdição: "Então Jesus entrou no templo, expulsou todos os que ali vendiam e compravam, e derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas..." (Mateus 21-12), ou, quando enfrentou os olhares de censura de escribas e fariseus ao encontro de Zaqueu: "E quando Jesus chegou àquele lugar, olhando para cima, viu-o e disse-lhe: "Zaqueu, desce depressa, porque hoje me convém pousar em tua casa..." (Lucas, Cap 19, 1-6).

A pretensão precípua deste texto, é dizer ao frei José Raimundo que a maioria dos seus paroquianos lastima sua remoção, mesmo os seus opositores reconhecem seu trabalho, seu dinamismo, seu desejo de justiça, sua preocupação com os pobres e sua luta pela democratização e efetivação das políticas comuntárias.

Enfim, desejo-lhe força, determinação e discernimento para que desempenhe em Porto Seguro o mesmo trabalho e oxalá que naquela comunidade, ele seja mais querido, encontre o mesmo aconhego de Sergipe e seja mais feliz no exercício de suas funções sacerdotais, que ele dê tempo ao tempo para as incompreensões e as injustiças.

> ***"O segredo da saúde da mente e do corpo está em não lamentar o passado, em não se afligir com o futuro e em não antecipar preocupações; mas está no viver sabiamente e seriamente o presente momento."***

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 16. 11.2010

23

Superstição

R. Santana

Todo homem é supersticioso, do mais ilustrado ao mais simples, do homem mais valente ao homem mais covarde, enfim, a superstição é da natureza humana, a superstição é atávica. Li alguns anos atrás, em Harold Robbins, que "o homem que não tem superstição não tem alma", de lá pra cá, sou um supersticioso assumido, pouco me importa se alguém diz que eu sou um bronco, um limitado, um beócio, um abestalhado... Eu tenho as minhas manias: - Eu não como carne Sexta-Feira da Paixão, não passo embaixo de escada, eu me persigno várias vezes quando encontro um gato preto em noite escura, não tomo banho depois do café, acordo com o pé direito e, quando moleque, acreditava em lobisomem e Saci-Pererê.

Com o passar dos anos, as superstições de fedelhos vão sendo substituídas pelas superstições de adultos, mais novas, mais modernas, porém, permanecem lá no recôndito da alma, elas não desgrudam nem o jovem nem o velho, todos os homens têm suas manias, até os malucos não escapam, é comum o dito popular: "cada doido tem sua mania".

Hoje, o atleta devoto leva o seu santinho protetor para ajudá-lo numa competição esportiva, o empresário consulta o seu horóscopo antes de ir para empresa, o artista acrescenta ou diminui letras ao seu nome para obter sucesso e os famosos têm os seus gurus e os seus fetiches. O pobre toma banho de sal grosso, água-de-cheiro, usa patuá ao pescoço, ou, usa dente de alho no bolso e folha de arruda atrás da orelha para tirar os malefícios, as bruxarias ou afastar o mal olhado.

Coincidência ou superstição, eu tive um vizinho que chutou com bazófia, um ebó, uma macumba, na encruzilhada, numa Sexta-Feira 13, com farofa de dendê, galinha preta, velas de São Cosme e São Damião e um boneco espetado com agulhas. O pobre diabo perdeu a saúde e morreu pouco tempo depois; sua mulher, que além de chutar, esbravejou impropérios, foi vítima dum "derrame" que lhe deixou os movimentos de um braço e duma perna comprometidos e a fala embolada.

Lá no interior do meu torrão sergipano, quando alguém quer desmanchar um forrobodó, lança pimenta malagueta no salão, instantes depois, o ardente fortum provoca espirros nos forrozeiros e a balbúrdia toma conta e acaba em briga.

Quando moleque, colocava a vassoura com o cabo pra baixo, atrás da porta, toda vez que a minha mãe se sentia incomodada com a visita, não obstante o desdém de quem não acredita, não é que o diacho funcionava!...

Sigmund Freud deixou no papel suas idéias de sonhos, mas prefiro a sabedoria do negro Cosme: "... sonhar com rio, água barrenta, não é coisa boa, agora, sonhar com gado, é saúde, é coisa boa, patrãozinho!", depois destes e doutros vaticínios, o negro Cosme tomava algumas talagadas de cachaça (a primeira oferecia ao santo) "murcha venta", sem cerimônia, indicava-me ao bodegueiro como o dono do prejuízo, eu pagava com gosto, pois gostava de ouvir as estórias e as lorotas de negro Cosme, aprendia mais sobre o assunto, com suas bazófias, do que com a sabedoria dos doutos.

O teatro, mundo de sonho e ficção, de que tudo pode, também cultiva suas superstições, o ator pronunciar a palavra "merda", antes de pisar no palco, é garantia de sucesso, porém, ninguém pronuncia a palavra "Macbeth" para representar a popular peça de Shakespeare, a substitui pela expressão "peça escocesa", "Macbeth" traz maus augúrios, maus presságios, é sinistro na certa...

Um mau augúrio, entre nós nordestinos, é o grunhido da coruja branca, a "rasga-mortatlha". Se alguém está enfermo numa cama e essa ave agourenta começa o seu canto fúnebre ao amanhecer do dia, o Sol sem ter nascido, a família do moribundo pode se preparar porque é caixão e vela...

Diz a sabedoria popular que a investida insistente de mosca é outro presságio não menos lúgubre do que a coruja "rasga-mortalha" de um enfermo. Não é aquela mosca que importunou o presidente Barack Obama e acabou sovada em sua mão, aquela deve ter "pedigree", a mosca agourenta é um espécime "vira-lata", nojenta, chula e asquerosa.

Na última semana junina, usei e abusei de churrasco, calabresa, lingüiça, maionese, amendoim, milho cozido, feijão-tropeiro, tira-gosto, batata-frita, cerveja e licor, na beira da praia ilheense, fui parar no PA do Hospital Calixto Midlej, com uma crise hipertensiva que não recuava... Logo, a vizinha avisou à minha família que tinha

ouvido naquelas noites o “canto” da rasga-mortalha. Hoje, a minha superstição tornou-se obsessiva: durmo e penso que vou morrer e acordo e penso que estou morto!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

02.08.2010

24

Vercil Rodrigues e as análises cotidianas

R. Santana.

O professor Vercil Rodrigues é um exemplo de superação. Egresso de escola pública, portador de deficiência física, filho de pais pobres, possuiria todos os ingredientes de um fracassado, duma trombadinha, de um usuário de droga, de um Lima Barreto que Monteiro Lobato negou conhecer, em orgulho de vida. Não se sucumbiu ao meio nem ao defeito físico, transformou o seu **status quo** através do estudo e determinação, hoje, ele é professor de história, bacharelando em Direito, escritor, empresário, editor e fundador de jornal jurídico, site e a revista “Direitos” - a primeira revista jurídica do estado da Bahia.

Li e reli o seu livro (já na 2ª. edição) “Análises Cotidianas”, é uma beleza de livro, Vercil Rodrigues discorre sobre saúde, educação, vinda do papa Bento XVI à nossa terra tupiniquim, acessibilidade, Dia Internacional da Mulher, impunidade, indignação etc.

O seu livro **Análises Cotidianas** não é uma leitura chata, erudita, não é um livro rebuscado de retórica, de termos difíceis, expressões prolixas, mas um texto de quase 40 capítulos de doçura. Não é o livro: “As Catilinárias de Cícero”, porém, são as análises do dia a dia, as crônicas do cotidiano, um livro gostoso de ler e aprender, desde o prefácio de Dr. Selem Rachid Asmar e do preclaro advogado Paulo Sérgio Bonfim até a sua última linha.

Além disso, o danado do Vercil Rodrigues, ainda bacharelando, sem ter adquirido as manhas da sua futura profissão de operador do Direito, surpreendeu à classe e aos seus mestres, desafiando à compreensão de velhos causídicos, não faz muito tempo, com o seu livro: “Breves Análises Jurídicas”.

Nessa área jurídica, meu caro leitor, eu não lhe dou detalhes, pois o seu velho amigo é obtuso e ignorante em leis, mas prometo buscar esses ensinamentos no mestre advogado Paulo Bonfim. Todavia, adianto-lhe que não irei jurar esse compromisso nem pelo Corão de Maomé, tampouco pelos Evangelhos de Jesus Cristo, seria uma heresia, um engodo, uma mentira, é que comungo com a teoria piagetiana do significado da aprendizagem e as teorias jurídicas não me apetecem, se me der na telha...

Acredito no potencial intelectual de Vercil Rodrigues, porém, não sei se estamos diante duma promessa à estatura dos baianos Clóvis Beviláqua, Rui Barbosa, Orlando Gomes, certamente, nós estamos diante de uma promessa jurídica ou diante de uma história de vida que irá encher de orgulho os seus contemporâneos baianos e brasileiros pelo exemplo de superação e determinação que como todo mortal, um dia irá deixar...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 27.09.2010

25

A Prosa e a poesia

R. Santana

A prosa é a expressão menor do pensamento enquanto a poesia é a expressão maior do pensamento. Na prosa, uma simples idéia, às vezes, é representada por várias palavras, entretanto, a capacidade de síntese e análise da poesia, poucas palavras representam um feixe de idéias, veja o exemplo do hay-kay, poesia japonesa, é uma poesia tão concisa que três versos encerram um pensamento.

Por outro lado, o cultivo da poesia tradicional além do raciocínio conciso e analítico, exigia-se do sujeito, sensibilidade e técnica apuradas na sua produção. Quem não viaja nos versos das escolas literárias desde o arcadismo até a Semana da Arte Moderna de 1922? Naquela época, antes da Semana de Arte Moderna, não se fazia

verso livre, por isto, ensejou-se o rompimento com o Parnasianismo e o Simbolismo, noutras palavras, quando a arte rompeu com velhos sentimentos individuais e adquiriu maior liberdade na forma e na expressão.

O Modernismo rompeu com conceitos métricos e rítmicos tradicionais e quebrou alguns entraves lingüísticos e estéticos, a partir daí, tornou-se mais fácil fazer poesia e artes plásticas, porém, o Modernismo inibiu a pureza da alma do poeta, o seu vôo particular, o seu romantismo, a poesia tornou-se mais simbólica, mais lógica, mais racional e menos apaixonante, uma produção de cultos e menos povo:

"No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra..."(Drummond)

Antes, uma produção mais apaixonante, mais bela, uma produção do coração, uma produção de sonhadores e mais povo:

"Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores... "(Gonçalves Dias)

Porém, qualquer que seja o movimento literário, qualquer que seja a escola literária, a prosa ficcional e a poesia (inclusive, a poesia pura), são imprescindíveis ao espírito humano, não se entende uma sociedade concreta o tempo todo, certamente, tornar-se-á ao longo do tempo, uma sociedade de pensamento estéril e doente.

Embora a prosa seja uma expressão menor do pensamento, não lhe diminui o mérito, principalmente, quando a prosa é uma poesia, uma poesia-prosa, mesmo que o seu conteúdo real não seja aprazível.

À guisa de entendimento, o mundo literário produziu obras poéticas que estão na mente e no coração de todos os mortais para sempre, veja caro leitor:

a) Apologia de Sócrates, uma peça retórica em que Platão discorre com maestria o valor da liberdade e o sentido da morte. Sócrates, condenado à morte por corromper a juventude com certos ensinamentos, é condenado por um Tribunal ateniense beber cicuta. O tema liberdade, vida, imortalidade da alma, morte, explorado por tantos, ganha na pena de Platão um poema de beleza incomum e a obra é maior do que a personagem.
b) Os Sertões, a epopéia brasileira de Euclides da Cunha, enaltece o sertanejo, elege-o herói das adversidades naturais e Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos como uma das páginas literárias mais bela do idioma português e quiçá de todas as línguas.
c) Oração aos Moços, um discurso levemente autobiográfico de Rui Barbosa, louvando o Direito e a justiça, um discurso dirigido aos jovens bacharelandos da Faculdade de Direito de São Paulo. É uma jóia excepcional, um poema feito de prosa e poesia de valor indescritível que se faz necessário e indispensável à estante de qualquer neófito estudante do Direito.
d) A Oração da Coroa, discurso político de autodefesa do maior orador e político grego, Demóstenes. Aliás, além desse discurso, dessa prosa-poesia, Demóstenes tem uma historinha singular: - Conta-se que na juventude ele era gago e para vencer a gagueira, exercitava a fala com pedrinhas na boca em frente ao mar com o barulho das ondas. Sua determinação e sua força de vontade surtiram efeitos, que além de ficar curado da gagueira, tornou-se o maior orador da Grécia.
e) As Catilinárias, discurso de Cícero pronunciado no senado e ao povo romano, ainda é uma das jóias mais raras da literatura universal, Cícero, o maior orador romano, acusa Catilina, político ambicioso, corrupto e

inescrupuloso: “Até quando, enfim, ó Catilina, abusarás da nossa paciência? Por quanto tempo ainda esse teu rancor nos enganará? Até que ponto a (tua) audácia desenfreada se gabará (de nós)?...

f) O Discurso do Método, discurso do filósofo francês René Descartes, entronizando a razão como pressuposto fundamental do conhecimento, donde se originou o racionalismo. Não obstante, o Discurso do Método ser um trabalho especulativo, filosófico, é sobremaneira um compêndio de prosa-poesia.

Enfim, deve haver outras obras na mesma linha prosa-poesia, todavia, essas obras acima representam uma literatura de escol e justificam a necessidade de produções que não deixem a literatura morrer, produções literárias que atendam aos reclames do dia a dia, que reflitam as necessidades sociais, mas que sejam recheadas de sentimentos de solidariedade, de desprendimento e de esperança, pois, assim como o corpo não vive sem o alimento, o espírito se alimenta da fé em Deus, de valores morais, de fantasia, de prazer intelectual e de amor.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 20.12.2010

26

Conclusão

Concluir um trabalho literário com múltipos títulos e assuntos, é a realização pessoal do autor, é o gozo final de dias de elucubrações, de tempo transformado em palavras, são as ações e as idéias do escritor com a roupagem final.

O povo do alto de sua sabedoria, diz que o homem se realiza plenamente quando: “Planta uma árvore, tem um filho e escreve um livro”, porém, ouso afirmar que essa realização é contingencial, o tempo e os bons resultados desses feitos, é que darão uma satisfação perene.

O livro é um filho que pode dar ou não satisfação ao autor, depende da relação livro-leitor, se a relação com o leitor for produtiva, se o livro corresponde às necessidades intelectuais do leitor, se sua leitura é prazerosa, então, o livro tem vida própria, senão, ele é enfeite de estante, comida de traça, lixo eletrônico...

O Autor

Itabuna (BA), 26 de janeiro de 2011.

Registro:

A obra Carta para Paula de Rilvan Batista de Santana foi licenciada com uma Licença Creative Commons - Atribuição - Uso Não-Comercial - Obras Derivadas Proibidas 3.0 Brasil.

-

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo